

O controle exercido na mulher por meio de micro expressões faciais

Hannah Enescu

Instituto Par – Ciências do Comportamento

Mestrado Profissional em Análise do Comportamento Aplicada

Dr. Roberto Alves Banaco

Índice

Resumo _____	3
O controle exercido na mulher por meio de micro expressões faciais _____	4
Um controle sutil: as expressões faciais _____	9
Comportamento Verbal _____	13
Consciência _____	16
Autoconhecimento e controle por estímulos _____	18
Método _____	19
Material _____	20
EMFACS (Emotion FACS) _____	21
Utilização de EMFACS no vídeo explicativo _____	22
Ambiente de coleta _____	22
Procedimento _____	23
Resultados _____	24
Discussão _____	30
Referências _____	34
Apêndices	
Apêndice A _____	40
Unidades de Ação _____	42
Apêndice B	
Informações do vídeo explicativo _____	53
Apêndice C	
Informações cenas _____	65
Apêndice D	
Entrevista teste de eficácia do vídeo _____	69
Apêndice E	
Respostas transcritas _____	70

Resumo

O estudo teve como objetivo testar a eficácia de um material em vídeo desenvolvido para o público feminino que explica como mulheres podem ser controladas por expressões faciais. Para apresentar exemplos de como expressões faciais podem controlar uma mulher foi utilizado o material EMFACS - Emotion FACS criado a partir de um sistema chamado Facial Action Coding System (FACS), de mensuração facial pelos músculos do rosto (Ekman, 2002)

Para testar se o vídeo é capaz de modificar a percepção de mulheres, foi feito um experimento com 10 mulheres cis, na faixa de 25 a 35 anos.

Nas sessões, as participantes assistiram 4 cenas contendo situações de machismo retiradas de filmes e séries. Após a apresentação das cenas, as participantes assistiram o vídeo explicativo aqui desenvolvido. Em seguida, as mesmas cenas da primeira parte da avaliação foram apresentadas. Por fim, as participantes responderam perguntas sobre o que acharam do vídeo.

Após análise das entrevistas e das expressões faciais apresentadas pelas participantes ao assistir ao vídeo explicativo, foi concluído que o vídeo possui boa capacidade de informar e gerar novos comportamentos.

O controle exercido na mulher por meio de micro expressões faciais

Os termos *mansplaining*, *maninterrupting*, *bropropriating* e *gaslighting* foram criados para sinalizar atitudes machistas em diferentes situações. *Bropropriating* é um termo formado pela junção de duas palavras inglesas - “*bro*”, referenciando uma figura masculina, e “*propriating*”, parte da palavra inglesa “*appropriating*”, que significa apropriação (“Wikipedia”, 2022). Essa junção dá origem a um termo que sinaliza o ato do homem se apropriar da ideia de uma mulher. O termo *gaslighting* foi criado a partir do filme *Gaslight* (1944). No filme de George Cukor, um marido abusa emocionalmente de sua esposa aumentando e diminuindo lentamente as luzes de um quarto e insistindo que ela está louca quando nota a diferença. Atualmente, o *gaslight* indica uma forma de manipulação, e no caso do machismo, consiste no objetivo do homem de confundir a mulher fazendo com que ela duvide do próprio julgamento e questione sua sanidade (“Feminist Words: New Vocabulary To Empower Yourself”, 2020).

Um ensaio escrito por Rebecca Solnit, “Men explain things to me”, publicado no dia 13 de abril de 2008, inspirou o termo “*mansplaining*”, que descreve o ato do homem explicar algo a uma mulher de forma degradante como se ela não tivesse capacidade de compreender o assunto, muitas vezes sobre pautas que ela sabe até mais. No ensaio, Solnit relata que um homem em uma festa a ouviu contar que era autora. Ao citar seu livro mais recente, sobre Eadweard Muybridge, foi interrompida por esse mesmo homem que perguntou se ela teria ouvido falar de um livro sobre Muybridge que tinha saído no mesmo ano, sem considerar que esse livro poderia ser de sua criação, como de fato era. No ensaio a autora argumenta que isso se trata de um fenômeno generalizado de silenciamento da mulher, que nos condiciona à insegurança ao mesmo tempo que aumenta a confiança masculina. Um mês depois, o termo apareceu em um comentário no LiveJournal, e assim se popularizou pelo uso da internet. “*Mansplaining*” foi incluído, pelo New York Times, como uma das palavras do ano em 2010, nominado em 2012

como palavra mais criativa do ano pelo American Dialect Society, e adicionada, em 2014, ao dicionário online de Oxford (“Mansplaining”, 2023).

Em 2015, a jornalista Jessica Bennet usou pela primeira vez o termo “*maninterrupting*” em um artigo da revista TIME. O termo define uma interrupção desnecessária de fala de uma mulher por um homem. A jornalista americana focou nos assuntos de gênero, política e cultura durante sua carreira. Bennet foi a primeira editora de gênero para o The New York Times, e antiga colunista da revista TIME. Autora de "Feminist Fight Club: A Survival Manual for a Sexist Workplace" e editora de "This Is 18: Girls Lives Through Girls' Eyes", Bennet cita no artigo, como exemplo de interrupção desnecessária por um homem, um acontecimento referente à interrupção de Kanye West durante o discurso de aceitação de Taylor Swift pelo prêmio de melhor clipe do ano. Ela destaca que esse tipo de ação desgasta a confiança da mulher e limita a sua habilidade de causar uma boa impressão no ambiente de trabalho, por fim gerando seu silenciamento. A jornalista também discorre sobre um artigo publicado no The New York Times, de Sheryl Sandberg e Adam Grant intitulado “Speaking while female”. Nele, menciona um estudo que mostra que quando se trata do ambiente de trabalho, mulheres falam menos, são mais interrompidas, e têm suas ideias desconsideradas mais frequentemente (Mendonça, 2017).

Em uma matéria na revista Psychology Today, A. Nelson (2012) apresenta uma passagem de seu livro “The Gender Communication Handbook: Conquering Conversational Collisions Between Men and Women” (2012). Nesse guia formado por conselhos de profissionais, baseados em estudos de casos, são encontradas formas de autoavaliação, e passo a passo, e exercícios de comunicação entre o gênero feminino e o gênero masculino. A autora discorre sobre a maior habilidade das mulheres ao ler pistas não verbais durante um diálogo em comparação ao sexo masculino, descrevendo que

enquanto homens têm tendência a focar no conteúdo da fala e nas palavras usadas, as mulheres focam tanto no conteúdo verbal, quanto nas pistas não verbais. A autora interpreta, a partir de suas pesquisas, que indivíduos que fazem parte de grupos oprimidos pela sociedade tendem a se comunicar de forma mais clara, para se certificar que sejam compreendidos, enquanto os detentores de recursos financeiros, econômicos e culturais têm tendência a não só prestar atenção em apenas uma parte da mensagem, como não possuir habilidades tão desenvolvidas quanto mulheres para ler pistas não verbais dos que possuem menos poder. Membros de grupos privilegiados da sociedade se esforçam menos para transmitir mensagens de forma clara (Nelson, 2012).

Cooper (2017) realizou um estudo sobre autoconceito acadêmico na Universidade de Arizona. Nesse estudo, autoconceito foi definido como a percepção de um indivíduo sobre seu desempenho acadêmico, formada a partir da comparação de sua própria capacidade e a de seus colegas. Nele, constatou-se que homens e falantes nativos da língua inglesa têm um autoconceito acadêmico significativamente maior não só que aquele das suas colegas mulheres, bem como maior do que os alunos estrangeiros no geral, enquanto são considerados por seus colegas como mais inteligentes. Também foi observado que alunos com autoconceito acadêmico inferior são mais propensos a participar menos nas aulas e a não se colocarem na posição de líder em pequenos grupos (Cooper, 2017). O estudo sugere, que um dos motivos para que mulheres tenham um autoconceito acadêmico mais baixo do que os participantes do gênero masculino seja por se cobrarem mais e avaliarem seu próprio comportamento e habilidades de forma mais dura do que os homens.

O número de produção em revistas, sites, blogs, livros, etc., sobre machismo e suas formas de silenciamento da mulher mostra a atenção que não só a mídia tem tomado pelo tema. A importância da igualdade de gênero está presente até no primeiro

inciso do Artigo 5 da Constituição Federal de 1988. No meio jurídico é introduzido no Princípio da Igualdade, também conhecido como Princípio da Isonomia. (“Inciso I – Igualdade de Gênero”, 2019).

Constantemente listas com expressões e palavras machistas do cotidiano são divulgadas em jornais, revistas, programas de televisão etc., sugerindo que essas expressões e termos devem ser evitados. O Reader’s Digest (2022) listou 12 expressões cotidianas que nós não percebemos que são sexistas – crença de que os membros de um gênero são menos inteligentes, capazes, ou habilidosos do que os membros de outro gênero (Dicionário Oxford, 2023), “12 Everyday Expressions You Don’t Realize Were Sexist”. Por exemplo, o termo “histérica”, que se refere a uma reação exagerada, como chorar compulsivamente. Karla Mastracchio, PhD em gênero e linguagem, conta que o termo tem origem na antiguidade grega, quando médicos acreditavam que o útero era responsável por qualquer problema de saúde de uma mulher, causando fraqueza, falta de ar, fragilidade, desmaios, e principalmente problemas psicológicos. Assim foi dada a essa “condição” o nome de “histeria”, da palavra “hystera”, útero em grego. Outro termo listado é o “*feisty*”, “agressiva” em português, que na maioria dos casos, em países de língua inglesa, é conectado com o gênero feminino. Mastracchio explica ao Reader’s Digest que geralmente a palavra é usada para falar de um animal rebelde, ou de uma mulher rebelde, raramente usada para se referir à um homem. “*Career woman*” ou “*working mom*” são mais expressões citadas; essas significam “mulher de carreira” e “mãe que trabalha” em português, e não possuem expressões equivalentes para o gênero masculino, sugerindo que o lugar adequado da mulher é em casa, cuidando do lar e dos filhos. A palavra “*bubbly*” se refere a mulheres de personalidade animada, e é usada para diminuir sua inteligência. É referente às bolhas do champanhe, considerada uma bebida leve e frívola. “*Perky*” é um termo que Mastracchio explica ser do início dos

anos 1930, usado para qualificar os seios de uma mulher, posteriormente usado para descrever sua personalidade, reduzindo essa mulher à sua característica física. “*Shrew*”, é mais uma palavra entre as 12 listadas, traduzida aqui como “megera”, em inglês, e usa as características de um animal que acreditava-se ser um roedor de mordida venenosa para descrever uma mulher. “Puro sangue”, listada como “*thoroughbred*” também caracteriza uma mulher a partir de características de um animal, indicando seu lugar e propósito na sociedade, explica Mastracchio, mencionando um ideal de mulher do século 19 que se enquadra nos padrões determinados pelo patriarcado. “Frígida” era um termo médico da antiguidade para descrever uma mulher que não tinha interesse em se relacionar intimamente com seu marido. “*Ditzy*”, traduzida como “avoada”, tem origem desconhecida, mas significa “desmiolada” e pouco inteligente, é utilizada como mais uma forma de diminuir a inteligência de uma mulher. “*Hussy*” significa vigarista, e caracteriza uma mulher que tem comportamento e/ou atitudes questionáveis. “*Spinster*”, que tem como tradução “solteirona”, define uma mulher que precisava se sustentar financeiramente fiando linha ou lã, por não ser casada. Em 1600, esse se tornou o termo legal oficial para uma mulher solteira. “*Governess*” é a última palavra da lista e significa “governanta”. Diferente do termo equivalente ao gênero masculino no século 15, governador – um homem que governa um lugar ou um grupo de pessoas – a governanta governa um lar, o que reforça a ideia de que o lugar de uma mulher é em casa, cuidando dos afazeres domésticos.

Matérias como essas são necessárias e fazem parte de um passo importante para que possamos causar algum tipo de mudança significativa e eliminar atitudes machistas, mas o falante não é abordado só por uma voz, e sim por um indivíduo gesticulante, expressivo, no qual voz constitui apenas parte da mensagem (Weitz, 1976). Assim, a atenção exclusiva ao aspecto verbal oral da interação nos nega o acesso às expressões

faciais, que também comunicam e podem contribuir tanto, ou mais para o controle sobre o comportamento social do ouvinte (Weitz, 1976).

Um controle sutil: as expressões faciais

A importância das expressões faciais foi elaborada pela primeira vez em 1862 por Guillaume Duchenne e posteriormente desenvolvida por Charles Darwin, em seu livro, *A Expressão da Emoções no Homem e nos Animais* (EIA – The Emotional Intelligence Academy, 2022). No desenvolvimento dessa elaboração encontra-se a teoria da universalidade entre expressões faciais que afirma que animais, incluídos os humanos, comportam-se de acordo com expressões faciais uns dos outros.

Por exemplo, a manutenção de uma interação social pode depender da reciprocidade e aprovação relacionadas às respostas (Rosenfeld, 1967). Rosenfeld submeteu 48 alunos de nona série, de 14 a 16 anos, a entrevistas conduzidas por um adulto. Nas entrevistas eram pedidas descrições e opiniões sobre as aulas que assistiam na escola, suas atividades extracurriculares, bem como suas opiniões sobre o ensino e as instituições. O entrevistador reagia a cada resposta da criança com aprovação (sorriso, movimento afirmativo com a cabeça, gesticulação), ou reprovação (sobrancelhas franzidas, movimento negativo com a cabeça, e depreciação verbal), ou falta de resposta (extinção). Os participantes emitiram porcentagens mais altas de sorrisos e movimentos positivos com a cabeça para as reações de aprovação dos entrevistadores do que para as reações de desaprovação e falta de resposta. Segundo os resultados, um sistema de feedback de reforço, via gestos e expressões faciais, pode ser determinante na manutenção de uma interação social. O artigo destaca também que os participantes falaram mais em entrevistas nas quais suas verbalizações foram tratadas com reações de aprovação (Rosenfeld, 1967), pois um sistema de feedback de reforço pode ser

determinante na manutenção da interação social, pois “reações negativas”, como extinção, podem funcionar como punição.

Em 1976, um estudo foi realizado por Shirley Weitz, com o objetivo de pesquisar as impressões geradas por gestos e expressões faciais em homens e mulheres, e compreender a diferença nesse tipo de comunicação entre os gêneros, e a relação de dominância ou submissão. A autora estudou as relações de duplas formadas por integrantes de gêneros diferentes, e duplas do mesmo gênero. No experimento, 48 estudantes de graduação - 24 homens e 24 mulheres - formaram duplas e interagiram de forma livre enquanto eram filmados. Os resultados mostraram que, nas interações, as mulheres eliciaram mais cordialidade de seus pares masculinos e homens eliciaram mais ansiedade em seus pares femininos quando comparados com os resultados de duplas constituídas por dois membros do mesmo gênero. Durante o estudo, foi observado que, em interações entre diferentes gêneros, os homens demonstravam maior dominância, as mulheres tentavam adequar mais seus comportamentos, sugerindo um possível mecanismo de monitoramento por parte das mulheres, no que elas ajustavam suas respostas não verbais conforme a personalidade dos homens nas interações.

O controle social por comportamento não verbal foi pesquisado em um estudo de 1983 por Edinger e Patterson. Na pesquisa, linguagem não verbal foi especificada como: distanciamento físico, olhar, toque, inclinação do corpo, pistas paralinguísticas, e expressões faciais. Os autores pontuaram como processos de controle social aqueles que envolvem uma tentativa relativamente proposital de afetar as reações de outras pessoas, e apresentaram como processos que merecem atenção no estudo como: (a) poder e dominância - hierarquia vertical que existe em relações sociais (Edinger, 1983); (b) persuasão - convencer ou fazer com que um indivíduo mude de opinião ou comportamento (Dicionário Aurélio, 1975); (c) reforçamento - consequência que

aumenta a probabilidade de um comportamento ocorrer novamente; (d) mentira - um ato no qual alguém faz uma escolha deliberada de enganar outra pessoa sem notificação prévia dessa intenção) (Paul Ekman, 2023), e (e) gerenciamento de impressão – estratégia comportamental usada para criar uma imagem benéfica para a indivíduo (Edinger1983) . Foi concluído, a partir do estudo, que entre as formas de influência por “comportamento não verbal” consideradas, olhar e expressão facial são os meios principais de controle social. Os autores também destacam durante o texto, a importância de levar em consideração outras variáveis ao analisar a influência ou controle que o comportamento não verbal de um indivíduo exerce sobre o comportamento do outro, como, por exemplo, o “gostar”, já que somos mais influenciados pelas reações de quem gostamos. Ou, em interações entre mãe e um filho, ou entre empregador e empregado, a mudança de comportamento observada pela influência da parte de maior autoridade é mais provável sobre a parte de menor autoridade do que vice-versa.

Expressões faciais também podem apresentar o que Paul Ekman chama de “vazamento emocional”, em inglês “emotional leakage” - um vazamento emocional involuntário que expõe as verdadeiras emoções de um indivíduo (Paul Ekman Group, 2023). Essas expressões têm o nome de microexpressões e ocorrem em uma fração de um segundo (EIA – The Emotional Intelligence Academy, 2022). Microexpressões podem ser detectadas em quaisquer situações de conteúdo emocional, tendo o poder de controlar o comportamento de todos e, em especial para este trabalho, o comportamento da mulher, pois mesmo que frases sexistas não sejam ditas, isso não exclui a possibilidade de que o machismo apareça pela face dos homens.

Segundo Ekman, existem dois tipos de expressões faciais: as posadas e as emocionais. Expressões faciais posadas são as que o “falante” tem a intenção de mostrar

em uma interação, essas são criadas conscientemente e passam pelo córtex cerebral, que é responsável pela linguagem e consciência, entre outras funções. Por passarem pelo mesmo local onde as regras de exibição na face são gerenciadas, temos controle sobre elas. Expressões faciais emocionais são geradas por reações emocionais inatas, e diferentemente das expressões faciais posadas, não passam pelo córtex cerebral, o que impossibilita seu controle (EIA – The Emotional Intelligence Academy, 2022).

Ekman sugere que existem 7 expressões faciais às quais devemos prestar atenção - felicidade, tristeza, raiva, medo, surpresa, desprezo e nojo. Essas são definidas por Ekman como um tipo particular de avaliação automática influenciada por nosso passado evolutivo e pessoal, e expressam que sentimos que algo necessário para nosso bem-estar ocorre, e um conjunto de mudanças psicológicas e comportamentos emocionais começa a lidar com a situação. Essas expressões faciais são vistas em todos os seres humanos (e alguns animais) independente da cultura (Paul Ekman Group, 2023). Essa interpretação de que expressões faciais humanas controlam os comportamentos dos outros seres humanos podem dirigir a análise para a área da comunicação (algumas vezes já apontadas neste texto como “comunicação não verbal”). E, mesmo chamada por alguns autores como “não verbal”, por não conterem o proferimento de palavras, outros autores (por exemplo, B. F. Skinner) preferem chama-las de verbais. Assim, Skinner as definem como um possível comportamento verbal.

Comportamento Verbal

O comportamento verbal é um comportamento operante mantido por consequências mediadas por um ouvinte que foi especialmente treinado pela comunidade verbal para operar dessa forma (Barros, 2003). Para Skinner (1957), o comportamento verbal de um falante age sobre o ambiente e sofre consequências das

alterações que provoca nele, e por estas razões, pode ser chamado de “operante”. Quem apresenta a consequência de um comportamento verbal de um falante é identificado como ouvinte, que deve ser uma pessoa que tem um repertório sob controle da fala de outros já instalado pela comunidade verbal. Essas consequências podem então desenvolver o comportamento do falante por meio de processos tais como reforçamento, extinção e punição, responsáveis por determinar a probabilidade da emissão futura desse comportamento (Passos, 2003). Operantes verbais são categorias denominadas por Skinner de acordo com suas variáveis de controle (antecedentes e consequentes) e sua topografia (falada ou escrita). As “categorias” são, ditado, textual, ecóico, transcrição, mando, tato, intraverbal e autoclítico (Bringel, 2022).

Os operantes verbais serão aqui expostos focando na relevância para o tema do trabalho. Explicaremos *mando*, *tato* e *autoclíticos*. Pelo operante verbal *mando*, o falante dá ordens – “Pare!”, faz pedidos – “Você pode me dar licença?”, identifica reforços necessitados pelas pessoas – “Quer um copo de água?”, faz perguntas, aconselha, avisa, e pede a atenção de um indivíduo. Esse repertório é construído em situações em que um falante, sob privação ou estimulação aversiva, emite um operante verbal que é seguido - ou não - pela apresentação de um reforçador especificado na sua fala pelo ouvinte. O mando especifica seu reforço. Aprendemos o operante verbal “mando” desde as primeiras interações verbais com a comunidade, assim que começamos a falar.

Tato proporciona à comunidade verbal de ouvintes um contato indireto sobre o mundo, através do comportamento verbal do falante, enquanto fornece aspectos do ambiente físico e cultural, ou até contextos geográficos e históricos diferentes dos que os ouvintes vivem. É através do tato que estímulos e suas propriedades são nomeadas, descrevendo aspectos do ambiente externo e interno do falante. O *tato* é controlado por

um estímulo discriminativo não verbal – a menos que o objeto do tato seja um estímulo verbal, por exemplo “Falei para meu marido que quero divórcio!”, sendo reforçado por um reforço generalizado, do tipo “Você foi corajosa!”. A frase “Falei para meu marido que quero um divórcio” é um estímulo verbal por apresentar o acontecido no relato – falar ao marido – ou dizer “Quero um divórcio” – apontando uma vontade. O tato também é ensinado desde os primeiros anos de vida, quando, por exemplo, ao identificar um objeto redondo, somos elogiados quando o chamamos de “bola”. As propriedades do estímulo discriminativo ao qual o reforço é contingente controlam o *tato*, de forma que um outro estímulo que tenha algumas dessas propriedades seja eficaz no controle funcional do operante verbal. A partir dessa explicação podemos entender o *tato estendido*, que se trata de situações em que pela primeira vez certas propriedades de um estímulo funcionam como estímulo discriminativo que controla a emissão de um operante. Na *extensão metonímica*, um estímulo adquire controle funcional sobre a resposta por frequentemente acompanhar o estímulo ao qual o *tato* é contingente (Passos, 2003). Podemos explicar a metonímia utilizando a relação lógica entre partes dos estímulos (Skinner, 1957), como a situação de uma mãe atarefada que, ao ver seu marido desocupado, pede sua ajuda para lavar a louça usando a frase “Me dê uma mão com a louça.”, utilizando uma relação lógica entre estímulos para explicar a metonímia. Na *extensão metafórica*, uma propriedade de estímulo adquire controle funcional da resposta, mesmo não sendo necessariamente a qual o reforço da comunidade verbal é contingente (Passos, 2003). Nesse caso, o exemplo usado pode ser “Maria tinha *olhar acolhedor*”, onde a propriedade comum entre os estímulos pode estar relacionada ao efeito causado no falante (Passos, 2003).

Skinner explica respostas que sugerem um sistema diretor, organizador, avaliador, selecionador e produtor da interação verbal, por meio do operante verbal

autoclítico (Skinner, 1957/1992). Este também é aquele que qualifica outras partes do comportamento verbal, e partes responsáveis por ordenar e coordenar uma amostra mais ampla do comportamento verbal, como conectivos, flexões, preposições e ordem das respostas verbais. Útil para a comunidade verbal por: 1) fornecer elementos acerca das propriedades dinâmicas do comportamento, como força, por exemplo: “*Preciso* denunciar meu chefe por assédio”; 2) dar informações sobre condições que controlam ou dão origem ao comportamento verbal do falante (Passos, 2003), como “*Eu vi* quando Ana foi assediada”, oferecendo informações mais confiáveis; 3) indicar a ordem temporal de eventos por fragmentos do comportamento verbal do falante que sugerem uma ordem sequencial, como na frase “*Primeiro*, ele a ofendeu”. Os autoclíticos não envolvem só aquilo que é vocal, sendo capazes de gerar controle sobre o ouvinte por gestos, olhares, expressões faciais, entre outros (Albanezi, 2018). Porém, gestos, olhares e expressões faciais não foram profundamente descritos por Skinner.

Expressões faciais podem se encaixar nos três operantes verbais explicados dependendo de sua função/objetivo e da situação. Em ambos os exemplos a seguir, microexpressões faciais podem ser classificadas como um mando - como determinada expressão facial de uma mãe para um filho que vai pegar o que não deve, podendo significar “Não pegue isso!”, ou um marido violento que olha para sua esposa com uma expressão facial específica para que ela não conte que é agredida, quando é questionada por uma amiga sobre seus machucados.

Consciência

A habilidade de descrever o que se está fazendo – e as razões pelas quais está fazendo, é como o Behaviorismo Radical define a consciência, por exemplo, quando uma menina que, ao andar na rua, viu alguns homens parados em grupo na mesma calçada em que caminhava e atravessou a rua para evitar um assédio pode ter atravessado a rua por já ter vivido um assédio em situação semelhante e explicar para uma amiga que o faz por esse motivo, ou pode apenas não se sentir confortável passando perto de um grupo de homens e atravessar a rua. No primeiro caso ela teria consciência do que controla seu comportamento, no segundo caso, não necessariamente.

O comportamento de descrever é mantido pelo ouvinte quando é útil para ele e para o grupo em geral. A importância da descrição fica clara quando consideramos a descrição de eventos internos (eventos disponíveis apenas para a própria pessoa) (Machado, 1997).

O aprendizado também pode ocorrer por meio de intimações ou recomendações, o que remete ao controle do comportamento por regras (Machado, 1997). Como, por exemplo, uma mulher sendo orientada a se sentar de pernas fechadas, “como uma menina”, pois se sentar de pernas abertas será malvista.

Para Skinner (1984), regras são descrições de relações entre ações de um indivíduo e suas consequências, e podem ser apresentadas como, por exemplo, conselhos ou instruções (Cerqueira, 2017). A função das regras é a de criar estímulos discriminativos. Assim, seguir regras permite a ocorrência de comportamento novo (Machado, 1997).

Podemos dizer que o comportamento de quem seguiu as regras é racional e que o comportamento que foi modelado pelas suas consequências é intuitivo. O primeiro é consciente, no sentido de que quem se comporta “sabe o que está fazendo” (Machado,

1997). O segundo pode se tornar consciente, se a pessoa em foco passar por um processo de autoconhecimento.

Quando somos punidos por falar sobre um determinado assunto, passamos a evitar tocar no assunto (Grandi, 2015). Por exemplo, quando uma mulher que está em uma conversa entre homens é orientada por seu marido a só falar quando lhe direcionam a palavra e a se conter em suas opiniões a respeito daquele assunto, e por isso, se cala por haver sinalização da punição caso o faça. Pensando nessas situações, poderíamos dizer “Me sinto mal quando me perguntam sobre aquele assunto”, ou “Tenho medo que meu marido brigue comigo caso eu fale por livre e espontânea vontade quando estou em uma conversa entre ele e seus amigos”. Só saberemos dizer isso se tivermos passado por um treino que possibilitou um relato de tal clareza (Grandi, 2015) como, por exemplo, a mulher, que pode não perceber que está sendo silenciada por seu marido, e simplesmente evitar falar, sentindo medo, de falar quando está presente em uma conversa entre seu marido e amigos. O relato acerca do que sentimos e o conhecimento desse sentimento é produto de contingências verbais especiais organizadas por uma comunidade verbal. Saber descrever as causas de um comportamento é diferente de simplesmente se comportar de certa forma (Grandi, 2015).

Se a comunidade verbal da qual fazemos parte nos fornece as razões para observarmos o nosso próprio comportamento e identificar as suas causas, provavelmente teremos um repertório complexo de autoconhecimento. Se a descrição do nosso próprio comportamento, o relato daquilo que sentimos (condições corporais), e a descrição das causas do nosso comportamento (porquê fazemos algo, isto é, quais as suas variáveis de controle) é de origem social, podemos explicar porque algumas pessoas possuem mais autoconhecimento do que outras (Grandi, 2015).

Autoconhecimento e controle por estímulos

O autoconhecimento é de grande valor para o próprio indivíduo que, ao conhecer as variáveis de controle do próprio comportamento, encontra possibilidades de manejo ambiental de forma a alterar o seu comportamento (Grandi, 2015).

Se a comunidade verbal aceitar respostas como “não consigo falar quando estou com meu marido e seus amigos”, as variáveis das quais o comportamento é função provavelmente não serão identificadas por este indivíduo. Mas isso não quer dizer que um baixo grau de autoconhecimento não possa ser aprimorado (Grandi, 2015).

Conforme apresentado até o momento, existe a possibilidade de que algumas mulheres se comportem e sintam-se de uma maneira de quem está sendo controlada, e não saberem descrever o que as faz se comportar e sentir-se assim. Algumas vezes este fenômeno acontece quando é antecedido por estímulos verbais tais como pedidos, ameaças, advertências, imposições etc. Outra possibilidade é estarem sob controle de estímulos que não sejam verbais orais, tais como desvio de olhares que denotam a retirada da atenção daquilo que a mulher pode estar falando, risadas (abafadas ou escancaradas etc.).

Nesse âmbito de análise também é possível que a mulher esteja sendo controlada por micro expressões faciais de seus interlocutores. Comportam-se de uma maneira oprimida e não identificam as fontes dos seus mal-estares dada a sutileza, mas há possível percepção de que elas ocorram sob controle de seus interlocutores.

Por este motivo, esse trabalho tem como objetivo gerar novos comportamentos em mulheres, a partir da apresentação de um vídeo explicativo desenvolvido para esse trabalho. O vídeo será usado como forma de autoconhecimento para o público feminino por explicar como mulheres podem ser controladas por expressões faciais e por fim testar a sua eficácia em informar. Esse, é composto por depoimentos de mulheres e a

apresentação de faces que exemplificam as micro expressões estudadas por Paul Ekman relacionadas a emoções.

O propósito é tornar evidentes informações que provavelmente controlam os comportamentos, mas não são conscientes para grande parcela das mulheres, para que, assim, apresentem um comportamento discriminativo – perante alguns estímulos na presença dos quais tenham uma maior probabilidade de se calarem, fugirem ou evitarem a continuidade da relação, como, por exemplo, expressar sua análise diante uma situação em ambiente profissional na qual a visão ou opinião de uma mulher poderia ser apresentada e influenciar sua carreira de forma positiva.

Método

Participantes

Para testar se o vídeo explicativo é capaz de modificar a percepção de mulheres, foi feito um experimento com 10 mulheres cis, na faixa de 25 a 35 anos. A escolha de participantes dessas idades se deve ao pouco interesse observado em grande parte das mulheres dessa faixa etária durante o início da seleção das participantes do vídeo desenvolvido, mostrando uma falta de atenção ao tema aqui estudado. Vinte mulheres de 25 a 35 anos foram contatadas inicialmente para participar do vídeo. Dessas, apenas uma se interessou pelo tema, mas desistiu de participar pois seu depoimento seria sobre uma situação que envolvia uma pessoa que ainda era de seu convívio. Devido a pouca curiosidade e disposição dessa faixa etária no assunto, se mostrou necessário que a coleta de dados sobre a eficácia do vídeo em informar e gerar novos comportamentos fosse feita com mulheres de 25 a 35 anos, mas que o vídeo de depoimentos poderia ser feito com participantes de todas as idades.

Foi determinado que o público trans participará de estudos futuros nesse tema, com análise adequada, pois mulheres trans poderiam apresentar uma variável que pediria uma análise que considere pontos específicos não aplicáveis a mulheres cis.

Material

Para apresentar exemplos de como expressões faciais podem controlar uma mulher, foi utilizado o material EMFACS - Emotion FACS criada a partir de um sistema chamado Facial Action Coding System (FACs), de mensuração facial pelos músculos do rosto, desenvolvido por Ekman e Friesen (EIA – The Emotional Intelligence Academy, 2022). O FACS das emoções (EMFACS) será usado neste trabalho como uma possível amplificação de conhecimento de mulheres em perceberem microexpressões que podem controlar seu comportamento. (Um resumo sobre esse material encontra-se no Apêndice A).

Para apresentar os estímulos em que micro expressões faciais denotam condições de machismo, foram feitos clipes de pequena duração a partir de cenas de 4 filmes e seriados de relativo sucesso.

Cena A, retirada do filme *Vicky Cristina Barcelona* (2008). Essa cena foi escolhida por apresentar a emoção desprezo: o canto do lábio apertado e elevado em apenas um lado do rosto. É importante destacar que desprezo também pode aparecer com um sorriso sutil ou uma expressão facial de raiva (Paul Ekman Group, 2023)

Cena B, retirada de *Uma Garota de Muita Sorte* (2022). Ela indica a expressão facial de raiva. Na face, as sobrancelhas do protagonista se unem e abaixam, os olhos se abrem mais e os lábios são tensionados.

Cena C, retirada de *Moxie – As Garotas Vão à Luta* (2021). Na cena, a expressão facial representa a emoção de felicidade. Os critérios para essa emoção são:

olhos estreitados formando rugas nos cantos externos dos olhos, elevação das bochechas e os cantos dos lábios são puxados para trás.

Cena D, extraída do filme *Do Que as Mulheres Gostam* (2000). Ela mostra a face de desprezo por apresentar tensão e levantamento de apenas um canto dos lábios.

Maiores informações sobre as cenas, bem como os clipes extraídos, podem ser encontrados no Apêndice C).

EMFACS (Emotion FACS)

EMFACS (Emotion FACS) é uma aplicação seletiva da pontuação FACS, na qual os codificadores pontuam apenas comportamentos que provavelmente têm significado emocional. Para fazer isso, o codificador examina o vídeo em busca de combinações centrais de eventos que sugerem certas emoções.

O sistema Facial Action Coding System (FACS) divide expressões faciais em componentes individuais do movimento muscular chamados Unidades de Ação (AUs). EMFACS utiliza as unidades de ação do FACS para pontuar comportamentos de conteúdo emocional, especificamente as emoções estudadas por Paul Ekman como emoções básicas humanas, raiva; desprezo; nojo; felicidade; medo; tristeza; surpresa.

Criado por Ekman e Friesen (1984), com o objetivo de resolver os problemas de configurar unidades em eventos e atribuir significado a essas configurações, EMFACS é um guia de instruções no qual o pontuador foca em ações críticas que foram determinadas pelos autores, com bases teóricas e empíricas, relacionadas a expressões emocionais.

Utilização de EMFACS no vídeo explicativo

Começando com uma breve abertura para situar os espectadores, o vídeo se divide apresentando as 7 emoções básicas humanas, onde cada parte começa com um depoimento no qual mulheres contam uma situação real em que se sentiram controladas por expressões faciais. Cada depoimento é seguido por exemplos de imagens da expressão facial descrita e as mudanças que os movimentos causam na face, identificados pelo método EMFACS. Todas as depoentes assinaram um termo de uso de voz e imagem para participar do vídeo e foram informadas sobre o trabalho. (Informações e imagens do vídeo no Apêndice B).

Ambiente de coleta

A coleta foi feita em ambiente virtual e utilizou o Google Meet, um programa de comunicação por vídeo, criado pela empresa Google. A coleta, em sessões individuais com cada participante, foi feita em ambiente isolado para ter a melhor concentração possível na tarefa e menor quantidade de estímulos concorrentes. Um dos motivos da escolha do programa Google Meet foi por seu recurso de gravação durante as reuniões. Outro motivo foi a possibilidade da participante convidada já conhecer e ter usado o Google, pois a empresa é responsável por mais de 90% das pesquisas na web no mundo e 99% das buscas no Brasil (Ivo, 2023). Assim, é mais provável que a participante já tenha utilizado o Google e por isso se sinta mais a vontade de usar um programa desenvolvido por uma empresa que já conhece, visando facilitar ao máximo sua participação.

No dia e horário agendados entre pesquisadora e participante, a pesquisadora enviou a cada participante o link da reunião no Google Meet, e ao fim de cada reunião as gravações foram automaticamente salvas no Google Drive da pesquisadora, por

configuração padrão do Google Meet. Para evitar qualquer vazamento das participantes a pesquisadora garante que logo após salvamento automático, a gravação será retirada do Google Drive e será feito um download unicamente no computador da pesquisadora, onde o vídeo foi analisado apenas pela pesquisadora.

Procedimento

Antes da coleta de dados, foi enviado à cada participante uma cópia do TCLE (termo de consentimento livre e esclarecido) assinado pela pesquisadora e orientador. O arquivo foi enviado por e-mail ou por WhatsApp, como foi da preferência da participante para facilitar sua participação. Quando a cópia do TCLE foi assinada e devolvida pela participante e suas dúvidas foram esclarecidas, foi agendado com a participante um horário conveniente para a pesquisadora e participante, para a realização da coleta de dados. No dia e horário marcado a participante recebeu um link gerado pela pesquisadora para entrar na reunião. Foi lembrado no TCLE que era necessário que microfone e câmera da participante estivessem ligados do começo ao fim da reunião.

Durante cada avaliação individual, as faces das participantes foram gravadas com a autorização de cada uma, pois o método EMFACS pede que as faces sejam gravadas para que seja possível voltar e adiantar o vídeo até pontos específicos.

Primeiramente, 4 cenas contendo situações de machismo retiradas de filmes e séries, foram mostradas a cada participante (Informações sobre as cenas podem ser encontradas no Apêndice C). Após a apresentação das cenas, o vídeo explicativo desenvolvido foi apresentado às participantes. Em seguida, as mesmas cenas da primeira parte da avaliação foram mostradas, mas dessa vez em ordem diferente para que as participantes não antecipassem a próxima cena e suas reações fossem naturais.

O objetivo de iniciar a avaliação com cenas de machismo e encerrar com uma apresentação das mesmas cenas, se deve ao interesse de investigar se o vídeo explicativo foi capaz de modificar a percepção das participantes sobre faces que podem controlar seu comportamento.

Por fim, as participantes responderam perguntas sobre as cenas e vídeo explicativo (Apêndice D contém as perguntas feitas). Após esse procedimento repetido com 10 mulheres, as gravações por Google Meet foram analisadas seguindo os critérios do FACS Manual, Investigador's Guide e EMFACS Instructions para examinar mudanças presentes nas micro expressões faciais das participantes ao assistir as cenas de machismo antes e após assistir o vídeo.

Resultados

Após análise das entrevistas e das expressões faciais apresentadas pelas participantes ao assistir ao vídeo explicativo, foi concluído que a maior parte das participantes teve sua percepção modificada sobre expressões faciais. Nos parágrafos seguintes, se encontra a análise das respostas das 10 participantes, e no Apêndice E estão as respostas transcritas em formato de tabelas, bem como a análise das expressões faciais apresentadas respeitando os critérios do FACS Manual, EMFACS Instructions e Investigator's Guide (Ekman, 2002). A análise de expressões faciais e AUs estão nas mesmas tabelas, para que o leitor consiga acompanhar em qual momento cada expressão facial foi feita pelas participantes.

Tabela 1: Respostas das Participantes às perguntas 1 e 2 (o que sentiu assistindo às cenas pela primeira vez e ao vídeo explicativo, respectivamente).

Participante	Cenas (primeira vez)	Vídeo explicativo
1	Incômodo	Participante não especificou
2	Indignação	Impotência
3	Frustração e raiva	Participante não especificou
4	Não se impressionou	Ódio
5	Incômodo	Alívio
6	Desconforto	Desconforto
7	Prestou atenção nas expressões faciais	Passou a pensar no impacto de expressões faciais
8	Impotência	Invalidação
9	Ódio e raiva	Surpresa
10	Angústia	Angústia e medo

Na pergunta 1, sobre o que cada participante sentiu ao assistir as cenas de machismo retiradas de filmes e séries, as participantes responderam: participante 1 – incomodo; participante 2 – indignação. A participante apresentou emblema facial¹ de ceticismo (apenas uma sobrancelha levantada) ao ver a reação do personagem apresentada como Cena D, no Apêndice C, do filme *Do Que as Mulheres Gostam* (2000); participante 3 - frustração e raiva. Mencionou ter sentido mais raiva na cena do filme *Do Que as Mulheres Gostam* (2000), Cena D, no Apêndice C; participante 4 - não se impressionou porque infelizmente vê situações assim todos os dias; participante 5 - incômodo, principalmente na cena da escola, pela atitude da professora, da série *Moxie* (2021), Cena C, no Apêndice C; participante 6 - respondeu que sabe o desconforto de se comunicar e ser reprimida; participante 7 - manteve sua atenção nas expressões faciais por ler a descrição do trabalho no TCLE; participante 8 – impotência; participante 9 – ódio e raiva; participante 10 – angústia.

Na questão de número 2, sobre o que as participantes sentiram quando assistiram ao vídeo explicativo, elas responderam: participante 1 - não comentou ter sentido nada específico; participante 2 – impotência. A participante apresentou emblema facial de

ceticismo (L1C+L2B)¹, quando a depoente fala que seu colega disse que ela o orientou dessa forma. Depoimento 2 - Medo, Apêndice B; participante 3 – A participante demonstrou um emblema facial de ceticismo (L1B+L2C) na situação da emoção Surpresa, quando a depoente conta que seu companheiro ficou surpreso com a acusação. Depoimento 1 - Surpresa, no Apêndice B; participante 4 – ódio, na situação da sogra pegando a criança com cigarro (ver depoimento 4 - Felicidade no Apêndice B); participante 5 – alívio e se perguntou por que não sabia antes o que foi explicado no vídeo; participante 6 – desconforto, por não ser alertada sobre expressões faciais antes em sua vida; participante 7 - passou a raciocinar melhor sobre o impacto das expressões faciais; participante 8 – invalidação; participante 9 – surpresa, pois nunca tinha pensado no tema abordado pelo vídeo explicativo; participante 10 - angústia e medo por passar por isso diariamente sem saber.

Tabela2:

Respostas das participantes à pergunta 3:

Após assistir o vídeo explicativo você viu detalhes que não tinha reparado antes, nas cenas de machismo?

Participante	Sim	Não
1		✓
2	✓	
3	✓	
4	✓	
5	✓	
6	✓	
7	✓	
8	✓	
9	✓	
10	✓	

¹ Emblema Facial se trata de expressões usadas em mensagens específicas que os significados são familiares para uma cultura, e podem ser usados para substituir palavras ou quando palavras não podem ser usadas. Um exemplo seria o levantar de apenas uma sobrancelha na expressão facial de ceticismo (PaulEkmanGroup, 2024).

Na pergunta 3, se as participantes repararam em mais detalhes das cenas após assistir ao vídeo explicativo: 9 participantes responderam que o vídeo explicativo as fez reparar em mais expressões faciais nas cenas de machismo; 1 participante respondeu que o vídeo não modificou a sua percepção das expressões faciais nas cenas, mas como pode ser visto nas demais Tabelas, essa participante foi a que mais se expressou sobre todas as outras perguntas, o que pode sinalizar que ela já tinha consciência do que a controlava e que o vídeo explicativo não lhe acrescentou informação nova.

Tabela 3: Respostas das participantes perante a pergunta 4, “Você já passou por alguma situação semelhante as apresentadas nas cenas ou no vídeo explicativo?” e indicação daquelas que deram depoimento em seguida.

Partic.	Cenas				Depoimentos				
	A	B	C	D	1	2	3	4	5
1	✓	✓	✓	✓					
2									
3					✓				
4				✓					
5			✓						
6		✓						✓	
7			✓						
8			✓						
9	✓	✓	✓	✓					
10		✓	✓						

Na pergunta 4, que questionava às participantes se já tinham passado por situações semelhantes às cenas de machismo ou às situações contadas pelas depoentes do vídeo, 6 participantes responderam que passaram por situações semelhantes a cena do filme Moxie, de 2021 (Cena C, no Apêndice C); 4 passaram por situações como a cena de Uma Garota de Muita Sorte (2022), apresentada como Cena B, Apêndice C; 3 participantes passaram por situações semelhantes a cena de Do Que as Mulheres

Gostam (2000), Cena D, Apêndice C; 4 passaram por situações como a cena de Uma Garota de Muita Sorte (2022), apresentada como Cena B, Apêndice C; 3 participantes passaram por situações semelhantes a cena de Do Que as Mulheres Gostam (2000), Cena D, Apêndice C; 2 participantes passaram por situações como a de Vicky Cristina Barcelona (2008) (Cena A, Apêndice C); 1 participante mencionou o primeiro depoimento do vídeo explicativo, depoimento 1 - Surpresa (no Apêndice B); 1 participante se identificou com o “depoimento sobre vitiligo” (depoimento 4 - Tristeza, em Depoimentos no Apêndice B).

Tabela 4: respostas das Participantes à pergunta 5 “Alguma situação retratada nas cenas ou no vídeo te marcou mais? Se sim, qual?”, e indicação daquelas que disseram “sim” às cenas apresentadas nos depoimentos do vídeo explicativo

Partic.	Cenas				Depoimentos				
	A	B	C	D	1	2	3	4	5
1	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
2									
3				✓					
4			✓	✓					
5			✓						
6								✓	✓
7				✓					
8									✓
9									
10		✓							

A pergunta 5, pedia às participantes que mencionassem as cenas ou depoimentos que mais foram marcadas: 4 participantes responderam que foram marcadas pela cena da Do Que as Mulheres Gostam (2000), Cena D; 3 participantes citaram a cena do filme Moxie (2021), Cena C; 3 participantes mencionaram o depoimento 5 - Felicidade (Apêndice B); 2 participantes responderam a cena de Uma Garota de Muita Sorte (2022), Cena B; 2 participantes mencionaram o depoimento da emoção 4 - Tristeza

(Apêndice B); 1 participante respondeu o depoimento 1 - Surpresa (Apêndice B); 1 participante foi marcada pelo depoimento 2 - Medo (Apêndice B); 1 participante destacou o depoimento 3 - Nojo, Desprezo e Raiva (Apêndice B). 1 participante respondeu a Cena A (Apêndice C), do filme Vicky, Cristina, Barcelona (2008).

Semanas após cada coleta de dados foi perguntado às participantes, se o vídeo explicativo provocou alguma mudança em sua percepção no dia a dia. Infelizmente não foi possível pontuar exatamente quantas semanas depois, pois cada participante demorou um tempo diferente para visualizar a mensagem e respondê-la. 3 participantes responderam que passaram a reparar mais em expressões faciais no seu cotidiano; 2 participantes responderam que não tinham tido interações suficientes desde o experimento para responder à pergunta; 1 participante respondeu que o vídeo não mudou a sua percepção; 4 participantes não responderam à tentativa de contato.

Tabela 5: Respostas das participantes à pergunta “O vídeo explicativo provocou alguma mudança em sua percepção no dia a dia?” pós experimento.

Participante	Sim	Não	Não teve interações o bastante para notar diferença	Não respondeu a tentativa de contato
1		✓		
2			✓	
3	✓			
4			✓	
5	✓			
6	✓			
7				✓
8				✓
9				✓
10				✓

Também foi perguntado às participantes, como um tipo de controle do estudo, se elas sabiam sobre o sistema FACS ou da existência de estudos sobre micro expressões faciais. Os resultados estão representados na Tabela; 3 das 10 participantes, já tinham

ouvido falar do sistema FACS ou sobre micro expressões faciais, mas nenhuma das 10 participantes do estudo sabiam que expressões faciais poderiam ser consideradas e estudadas como forma de machismo.

Tabela 6: Respostas das participantes à pergunta sobre, se sabiam do sistema FACS ou da existência de estudos sobre micro expressões faciais

Participante	Não	Sabia da existência do FACS	Não sabia que poderia ser aplicado ao machismo
1		✓	✓
2	✓		✓
3	✓		✓
4		✓	✓
5	✓		✓
6	✓		✓
7	✓		✓
8		✓	✓
9	✓		✓
10	✓		✓

DISCUSSÃO

Como os dados demonstram, o vídeo não só teve bom retorno sobre sua capacidade de informar, mostrado pela pergunta 3, como destacou que antes de assistir ao vídeo explicativo, nenhuma das 10 participantes sabiam que expressões faciais poderiam ser consideradas machismo, e assim controlar o comportamento de mulheres. Esse dado reforça o que a literatura científica têm apresentado a respeito das diversas formas de controle social pelo machismo, e neste estudo, por micro expressões faciais.

Pode ser observado nas entrevistas finais, transcritas nas tabelas do Apêndice E, que não existiram reações positivas em nenhuma das respostas das participantes a respeito de seus sentimentos perante as cenas selecionadas e o vídeo explicativo. O que evidencia o mal-estar gerado por esses tipos de interações, em que nada é verbalizado, mas a carga emocional negativa se manifesta. O desconforto criado pela interação entre

homens e mulheres também foi mencionado no estudo de Shirley Weitz (1972), citada na introdução deste trabalho. No estudo, sobre as diferenças de gênero na comunicação não verbal, a autora pesquisou as relações de duplas formadas por integrantes de gêneros diferentes, e duplas do mesmo gênero. E conta que segundo os resultados, nas interações, as mulheres eliciaram mais cordialidade de seus pares masculinos e homens eliciaram mais ansiedade em seus pares femininos quando comparados com os resultados de duplas constituídas por dois membros do mesmo gênero. Mesmo que no estudo aqui desenvolvido, as participantes não tenham interagido com pessoas do gênero masculino, e tenham apenas assistido interações entre homens e mulheres nas cenas de machismo, e depoimentos que contavam sobre situações de machismo por expressões faciais, podemos observar pelas entrevistas transcritas, que este estudo e o de Weitz apresentam um ponto relevante em comum, que apoia os resultados adquiridos por Weitz (1976), no qual os homens eliciaram ansiedade de suas duplas do gênero feminino, já que em todas as entrevistas aqui transcritas foram relatados sentimentos negativos ao assistir cenas e depoimentos, o que também mostra que não é necessário que as mulheres participem das interações para que exista desconforto.

Como destacado por Grandi (2015), já citada na introdução deste texto, se a descrição do nosso próprio comportamento, o relato do que sentimos, a descrição das causas do nosso comportamento, e se tratando desse trabalho, por que as participantes sentiram desconforto ao assistir as cenas e vídeo explicativo, é de origem social, se entende porque algumas pessoas possuem mais autoconhecimento que as demais. É a comunidade verbal que ensina o indivíduo a se conhecer (Skinner, 1953). São as perguntas e inferência que a comunidade verbal realiza que fornecem as condições ambientais para o autoconhecimento (Grandi, 2015). Isto destaca ainda mais o objetivo do desenvolvimento do vídeo, tornar mulheres conscientes de uma forma de machismo

que talvez não seja tão clara para todas, e que continua causando desconforto sem que sejam capazes de entender a razão.

Mesmo que o vídeo tenha apresentado bons resultados de eficácia, talvez fosse mais proveitoso uma experiência imersiva e mais longa do que apenas um vídeo, sobre como mulheres podem ser afetadas por expressões faciais no seu cotidiano. Talvez alguma forma de contar o processo todo, desde a seleção das depoentes, até a coleta de dados com as participantes que assistiram ao vídeo, já que as mulheres que participaram do processo de seleção de depoentes, e gravação do vídeo demonstraram mais interesse no tema e no processo. Enquanto o vídeo apresentou informações prontas e relativamente rápidas, no qual a maioria das participantes nunca tinham se deparado com o tema, e precisaram de algum tempo para absorver, as mulheres que participaram de parte do processo mais longo, como o de gravação, no qual elas puderam acompanhar as gravações de outras depoentes e trocar experiências, não só perguntaram mais sobre o assunto como quiseram passar mais tempo do que previsto na gravação.

Também foi observado pelas entrevistas transcritas que as participantes “mais velhas”, das idades 33 e 34, se mostraram pouco impressionadas com as cenas de machismo, enquanto as participantes de 25, 26, 27, 28, 29 e 32 anos, demonstraram ter se afetado mais com as cenas e depoimentos do vídeo. Seria possível que a consciência sobre essa forma de controle exercido na mulher, por micro expressões seja relacionado com idade, porém seria necessário pesquisa aprofundada. Talvez seja mais proveitoso que meninas mais jovens entrem em contato com o tema, já que não é o melhor cenário que mulheres se acostumem a serem silenciadas por expressões faciais. Assim, o ideal seria fazer uma pesquisa para saber qual idade seria mais adequada para ter esse contato. Porém, outra questão se apresentaria, a se essas meninas estariam dispostas a participar de um processo mais longo do que assistir um vídeo de 00:08:24, nesse caso

talvez também seria necessária uma pesquisa sobre quanto tempo meninas de uma faixa etária específica estariam dispostas a gastar para aprender sobre esse tema.

Referências

Albanezi, R. M. (2018, Abril 25) Ensino de autoclíticos como estratégia de fortalecimento de habilidades sociais. Portal Comporte-se.

<https://comportese.com/2018/04/25/ensino-de-autocliticos-como-estrategia-de-fortalecimento-de-habilidades-sociais/>

Allen, W. (2008) Vicky Cristina Barcelona. Mediapro Wild Bunch.

Archer, D., Lansley, C. (2015, Agosto) Public appeals, news interviews and crocodile tears: an argument for multi-channel analysis. <https://www.eiagroup.com/wp-content/uploads/2022/07/Dawn-Archer-Cliff-Lansley-Multi-Channel-Analysis-August-2015.pdf>

Arseny A. Sokolov, (2011) Gender effects on body language Reading.

<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2011.00016>

Barker, M. (2022) Uma Garota de Muita Sorte. Picturestart.

Bennet, J. (2015, Janeiro 20). How not to be interrupted in meetings. TIME.

<https://time.com/3666135/sheryl-sandberg-talking-while-female-manterruptions/>

Brandenburg, O. J., Weber, L. N. (2005) Autoconhecimento e liberdade no behaviorismo radical. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712005000100011>

Bringel (2022) Operante Verbal – Mandar (ou comportamento de mando).

<https://renatabringel.com.br/operante-verbal-mandar/>

Bropriating. (6 de junho, 2022). Wikipedia.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bropriating>.

Brownell, S. E., Cooper, K. M., Krieg, A., (2018) Who perceives they are smarter? Exploring the influence of student characteristics on student academic self-concept in physiology. doi:10.1152/advan.00085.2017.

Carver, C. S., (1975) Physical Aggression as a Function of Objective Self-Awareness and Attitudes Toward Punishment. *Journal of Experimental Social Psychology*. Volume 22, Edição 6. (pp. 510-519) [https://doi.org/10.1016/0022-1031\(75\)90002-5](https://doi.org/10.1016/0022-1031(75)90002-5)

Cerqueira, F. (14 de Agosto, 2017). Regras e Autorregras na Análise do Comportamento. [https://comportese.com/2017/08/14/regras-e-autorregras-na-analise-do-comportamento/#:~:text=Skinner%20\(1984\)%20afirma%20que%20as,assim%20o%20p,rocesso%20de%20aprendizagem](https://comportese.com/2017/08/14/regras-e-autorregras-na-analise-do-comportamento/#:~:text=Skinner%20(1984)%20afirma%20que%20as,assim%20o%20p,rocesso%20de%20aprendizagem).

Cohn, J. F., Kanade, T., Tian, Y. IEEE, , (2011) Recognizing Action Units for Facial Expression Analysis. *IEEE Transactions on Pattern Analysis and Machine Intelligence, Vol. 3. No.2*. <https://www.cs.cmu.edu/~face/Papers/112006-1.pdf>

Edinger, J. A., & Patterson, M. L. (1983). Nonverbal involvement and social control. *Psychological Bulletin*, 93(1), 30–56. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.93.1.30>

Ekman, P., Friesen W. V., Hager, J. H. (2002) Facial Action Coding System. Investigator's Guide. [Sistema de Codificação de Ação Facial. Guia do Investigador.] Research Nexus, Network Information Research Corporation.

Ekman, P., Friesen W. V., Hager, J. H. (2002) Facial Action Coding System. The Manual. [Sistema de Codificação de Ação Facial. O Manual.] Research Nexus, Network Information Research Corporation.

Ekman, P., Scherer, K. R., Ekman, P. (1982) Methods for measuring facial action. *HANDBOOK OF METHODS IN NONVERBAL BEHAVIOR RESEARCH*. pp. 45 – 135. <https://www.paulekman.com/wp-content/uploads/2013/07/Methods-For-Measuring-Facial-Action.pdf>

Ferreiro, C (2017, Julho 11) O vocabulário feminista que todos já deveriam estar dominando em 2017.

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/10/cultura/1499708850_128936.html

Garagnani, M., Pulvermuller, F., (2013) Neuronal correlates of decisions to speak and act: Spontaneous emergence and dynamic topographies in a computational model of frontal and temporal areas. *Brain and Language. Volume 127*, (pp. 75-85)

<https://doi.org/10.1016/j.bandl.2013.02.001>

Goldman M. (2007). The Effects of Nonverbal Reinforcement on Questionnaire Responses.

<https://digitalcommons.cwu.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://www.google.com/&httpsredir=1&article=1404&context=etd>

Grandi, P. (2015, Outubro 21) Afinal, o que é autoconhecimento e como o adquirimos? Portal Comporte-se. <https://comportese.com/2015/10/21/afinal-o-que-e-autoconhecimento-e-como-o-adquirimos>.

Ivo, P. (26 de fevereiro 2023). 49 estatísticas sobre o Google: saiba tudo sobre o maior buscador do mundo. Conversion.

<https://www.conversion.com.br/blog/estatisticas-do-google>

Joan, M. Wertz, J. F., Perrott, M. A., Parrott, D. J., Sayette, M. A., Cohn, J. F., , (2001) A PSYCHOMETRIC EVALUATION OF THE FACIAL ACTION CODING SYSTEM FOR ASSESSING SPONTANEOUS EXPRESSION. *Journal of Nonverbal Behavior 25(3)*. <https://doi.org/10.1023/A:1010671109788>

Kappa Calculator. *Statistics Solutions*. <https://www.statisticssolutions.com/free-resources/kappa-calculator/>.

Lansley C A (2016) The impact of ETaC/SCANR training on real-time lie/truth decisions in the high-stake airport context.

https://www.academia.edu/31392952/The_impact_of_ETaC_SCAnR_training_on_real_time_lie_truth_decisions_in_the_high_stake_airport_context?auto=download

Lansley, C A (2017). Getting to the Thruth: A practical scientific approach to behavior Analysis for professionals. Emotional Intelligence Academy Ltd.

Lansley, H. (2016) Peer-Reviewed Research Paper – The Power of the SCAnR model for Public Appeals. <https://www.eiagroup.com/multi-channel-analysis-croc-tears-2/#:~:text=As%20we%20report%20in%20this,movements%2C%20body%20movements%20and%20ANS.>

Machado, L. M. C. M., (1997) Consciência e o Comportamento verbal. *Psicologia USP*, 8(2), 101-107. <https://doi.org/10.1590/psicosp.v8i2.107589>

Mansplaining. (20 de março 2023). Wikipedia. <https://en.wikipedia.org/wiki/Mansplaining#:~:text=The%20term%20mansplaining%20was%20inspired,she%20had%20written%20some%20books.>

Mendonça, R. (8 de março 2017) “Mulheres são mais interrompidas que homens em conversas de trabalho?” <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39161312>

Mehrabian A, Williams M (1969) Nonverbal concomitants of perceived and intended persuasiveness. DOI 10.1037/h0027993

Meyers, N. (2000) Do Que as Mulheres Gostam. Icon Productions. Wind Dancer Films.

Mizael, T., Pinheiro, R. (2019) Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento. Imagine Publicações.

Morais, P., Tavassi, A. P. C. (2019, Maio 28) Igualdade de gênero – O que diz a constituição? <https://www.politize.com.br/artigo-5/igualdade-de-genero/>

Paul Ekman Group (2022) Facial Action Coding System FACS. <https://www.paulekman.com/facial-action-coding-system/>

Paul Ekman Group (2022) What are micro expressions?

<https://www.paulekman.com/resources/micro-expressions/>

Paul Ekman Group (2022). *Are facial expressions universal? Universal Facial Expressions*. <https://www.paulekman.com/resources/universal-facial-expressions/>

Paul Ekman Group (2022). *Why Facial Expressions Matter? Facial Expressions*. <https://www.eiagroup.com/knowledge/facial-expressions/>

Paul Ekman Group (2024). Facial Emblems. Types of Facial Expressions. <https://www.paulekman.com/nonverbal-communication/types-of-facial-expressions/#map>

Poehler, A. (2021) *Moxie – Quando as Garotas vão à Luta*. Netflix.

Reeves A N (2015) *Mansplaining, Maninterrupting, & Bropropriating: Gender Bias, and the Pervasive Interruption of Women*. <https://research.umich.edu/wp-content/uploads/2021/12/maninterruptions-bropropriation-and-mansplaining-2-yellow-paper-series.pdf>

Rosenfeld H M (1967). *Nonverbal reciprocation of approval: an experimental Analysis*. [https://doi.org/10.1016/0022-1031\(67\)90040-6](https://doi.org/10.1016/0022-1031(67)90040-6)

Santos, S. L (2020) *Feminist Words: New Vocabulary to Empower Yourself*. <https://www.babbel.com/en/magazine/feminist-vocabulary/>

Scribner, H. (2015, Outubro 19) *New British guidelines urge schools to ban these 6 sexist phrases*. Deseret News. <https://www.deseret.com/2015/10/19/20574702/new-british-guidelines-urge-schools-to-ban-these-6-sexist-phrases#new-guidelines-released-by-englands-institute-of-physics-have-banned-six-sexist-phrases-from-schools>

Skinner, B. F. *Comportamento Verbal* (1957)

- Solnit, R. (2008, Abril 13). Men who explain things. Los Angeles Times.
<https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2008-apr-13-op-solnit13-story.html>
- Sutton, A., (2016) Measuring the Effects of Self-Awareness: Construction of the Self-Awareness Outcomes Questionnaire. DOI:10.5964/ejop.v12i4.1178
- Weitz S (1976). Sex Differences in Nonverbal Communication.
<https://doi.org/10.1007/BF00287250>
- Weitz, S. (1976) Sex differences in nonverbal communication. *Sex Roles* 2. (pp.175 – 184). <https://link.springer.com/article/10.1007/BF00287250>
- Yuko, E. (2022, Junho 9). 12 Everyday Expressions You Didn't Realize Were Sexist. Reader's Digest. <https://www.rd.com/list/everyday-expressions-sexist/>

Apêndices

Apêndice A

Neste Apêndice encontra-se a extração dos aspectos do Facial Action Coding System (FACS) e sua aplicação seletiva, EMFACS, que serão utilizados neste trabalho.

FACS se trata de um sistema baseado na anatomia da face para descrever movimentos faciais visivelmente discerníveis, mas de difícil descrição via relato verbal de quem os assiste. O método foi desenvolvido por Paul Ekman e Wallace Friesen, em 1978, revisado por Ekman, Friesen, e Hager, em 2002 (Paul Ekman Group, 2023). Com o conhecimento de que cada movimento facial é resultado de ações musculares, é possível analisar qualquer movimento em unidades de ação musculares baseadas na anatomia da face. A escolha do termo *unidade de ação* em vez de unidade muscular se deve às vezes em que dois ou mais músculos são combinados na unitização de mudanças na aparência. Outra razão para essa escolha é pela separação em unidades de ação no que anatomistas descrevem como apenas um músculo. FACS, analisa e detecta mudanças visíveis no rosto, ignorando mudanças não visíveis como, por exemplo, certas variações de tônus muscular. Em parte, a decisão do desenvolvimento de um sistema que possui a restrição de detectar apenas o visível na face se deve ao interesse nas mudanças que teriam consequências em interações sociais (Ekman, 1976). Outro motivo da escolha de um sistema com essa limitação é o interesse em um método que poderia ser aplicado em qualquer comportamento gravado por vídeo ou fotografado (Ekman, 1976). Se fosse decidido o uso um sistema que detectasse o “não visível”, seria necessário o uso de aparelhos especiais, como o eletro miógrafo. Porém, a presença de um aparelho como esse poderia provocar mudanças no comportamento dos participantes pela constante lembrança de que seu rosto está sendo analisado. FACS inclui a maioria, mas não todas as diferenças sutis de ações musculares. A precisão das categorias de

pontuação do sistema depende do que pode ser distinguido com segurança quando um movimento facial é analisado repetidamente e em ação parada e desacelerada.

É necessário que o usuário do sistema FACS aprenda a mecânica, baseada nos músculos dos movimentos faciais, não apenas a consequência do movimento ou a descrição de uma marca estática. O sistema foca no movimento, no enrugamento da pele, nas características faciais e suas mudanças temporárias no formato e localização, que pode variar entre indivíduos (Ekman, 1976).

A confiabilidade do Facial Action Coding System foi avaliada em um estudo com acordo entre observadores na codificação da ocorrência, intensidade e tempo das unidades de ação (AUs). Os dados de observação vieram de três estudos em laboratórios projetados para eliciar uma ampla gama de expressões espontâneas de emoção; o primeiro estudo com 58 participantes (30 homens e 28 mulheres), o segundo estudo com 11 mulheres e 8 homens, e o terceiro com 25 participantes (13 homens e 12 mulheres). Os testes emocionais incluíam estimulação olfativa, estresse social e dicas relacionadas ao desejo por nicotina. O comportamento facial foi gravado em vídeo e codificado por dois codificadores FACS certificados. A concordância entre observadores foi calculada usando coeficiente Kappa – medida estatística de confiabilidade ou concordância entre observadores (Complete Dissertation by Statistes solutions – Kappa Calculator) para controlar os níveis de possibilidade de concordância. Coeficientes de 0,60 a cerca de 0,75 indicam boa confiabilidade, e coeficientes de 0,75 ou mais indicam confiabilidade excelente (Fleiss, 1981). Foi encontrada confiabilidade boa a excelente, de quase 90% durante todos os testes, na ocorrência, intensidade e tempo das unidades de ação individuais e medidas correspondentes a combinações de AUs e emoções. Os testes também apresentaram boa concordância das intensidades das unidades de ação (Sayette, 2001).

Unidades de Ação – Action Units (AUs)

No FACS Manual, os critérios de observação e codificação de cada unidade de ação são descritos. Cada AU possui um número que indica a sua localização na face e são apresentadas no manual divididas em categorias - AUs Face Superior (até a raiz do nariz que se localiza entre os olhos), AUs Face Inferior (a partir do nariz até o fim do rosto), Posições de Cabeça, Posições dos Olhos, AUs Diversas, e Separação dos Lábios e Abertura da Mandíbula. Como aconselhado no manual, ao ler a descrição do movimento de cada AU é útil ter um espelho ao lado para simular a unidade de ação explicada e entender cada ação (Ekman, 2002).

Na parte superior da face temos as unidades de ação: número 1, sendo escrita como AU 1- Levantamento da parte interna das sobrancelhas, em inglês Inner Brow Raise (tradução livre). AU 2 - Levantamento da parte externa das sobrancelhas, Outer Brow Raise. A unidade de ação 3 (AU3) não é mencionada na revisão de 2002 do FACS Manual, mas está presente no BabyFACS, desenvolvido para pontuar movimentos faciais em bebês. A unidade de ação número 4 (AU 4), junta as sobrancelhas e as abaixa, Brow Lowerer. AU 5 – Elevação das pálpebras superiores, Upper Lid Raise. AU 6 – Levantamento das bochechas, Cheek Raise. AU 7 – Tensão das pálpebras, Lids Tight. Ainda na parte superior da face temos as unidades de ação, 43 – Olhos fechados, nomeada no manual como Eye Closure; AU 45 – Piscar de olhos com os dois olhos, Blink; AU 46 – Fechamento com um olho só, Wink; AU 70 - Sobrancelhas não visíveis, Brows Not Visible; AU 71 – Olhos não visíveis, Eyes Not Visible. (Ver Tabela A1 para descrição dos movimentos de cada AU Face Superior).

Na categoria AUs Face inferior estão: AU 9 – enrugador de nariz, ou corrugador de nariz, em inglês Nose Wrinkle. AU 10– Elevação do lábio superior, Upper Lip Raiser. AU 11 – Aprofundador de sulco nasolabial, Nasolabial Furrow Deepener. AU

12 – Puxador dos cantos dos lábios, em inglês Lip Corner Puller. AU 13 – Inchaço das bochechas, nomeado no manual FACS como Sharp Lip Puller. AU 14 – pode ser entendido em português como “covinha” (tradução livre), no manual, Dimpler. AU 15 – Depressor de canto labial, em inglês Lip Corner Depressor. AU 16 – Depressor de lábio inferior, Lower Lip Depressor. AU 17 – Levantador de queixo, Chin Raiser. AU 18 – Enrugamento dos lábios, nomeado como Lip Pucker no manual FACS. AU 20 – Esticador de lábios, em inglês Lip Stretch. AU 22 – Afunilador de lábios, Lip Funneler. AU 23 – Contração dos lábios (Magalhães 2018), Lip Tightener. AU 24 – Pressionador dos lábios, Lip Presser. AU 28 – Sucção dos lábios, Lips Suck. AU 72 – Face inferior não visível, Lower Face Not Visible. (Ver Tabela A2 para descrição dos movimentos de cada AU Face Inferior).

A categoria Posição dos Olhos apresenta as AUs: 61 – Olhos para a esquerda, Eyes Left, AU 62 – Olhos para a direita, Eyes Right, AU 63 – Olhos para cima, Eyes Up, AU 64 – Olhos para baixo, Eyes Down, AU 65 – Estrabismo, Walleye, e AU 66 – Cruzar os olhos indicando a ação de ficar vesgo, Crosseye. (Ver Tabela A3 para descrição dos movimentos de cada AU Posição dos Olhos).

A categoria seguinte contém AUs Diversas. Algumas dessas ações são definidas como Descritores de Ação (ADs) e não como AUs, pois a base muscular responsável não foi especificada. Assim, nem sempre são anotadas pelo codificador. Nessa categoria estão presentes as AUs: AU 8 – Lábios em direção um ao outro, Lips Toward Each Other. AU 19 – Mostrar a língua, Tongue Show. AU 21- Tensionar o pescoço, Neck Tightener. AD 29 (descritor de ação) - Mandíbula para frente, Jaw Thrust. AD 30 – Mandíbula para o lado, indicado no manual como Jaw Sideways. Em AU 31 – Apertador de mandíbula, Jaw Clencher. AD 32 – Morder, Bite. AD 33 - Assoprar, nomeado no manual como Blow. AD 34 - Inflar as bochechas, Puff. AD 35 - Sugar as

bochechas para dentro da boca, Cheek Suck. AD 36 - Empurrar a língua contra a parte interna da boca, Tongue Bulge. AD 37 - Limpar os lábios com a língua, Lip Wipe. AD 38 - Dilatar narinas, Nostril Dilate, e AD 39 - Comprimir as narinas, Nostril Compress. (Ver Tabela A4 para descrição dos movimentos de cada AU Diversas).

A categoria Separação dos lábios e abertura de mandíbula apresenta as AUs: 25 – Separação dos lábios, Lips Part. AU 26 – Queda do mento, Jaw Drop, e AU 27 – Abertura da boca, Mouth Stretch. AU 25 especifica a distância na qual os lábios estão separados, AU 26 descreve abertura da mandíbula com os músculos ainda relaxados, e AU 27 mede a abertura forçada e alongamento da boca. (Ver Tabela A5 para descrição dos movimentos de cada AU Separação dos Lábios e Abertura da Mandíbula).

A categoria que explica Posições de Cabeça, Head Positions, contém as ações de número, 51 – Cabeça para a esquerda, descrito no manual FACS como Turn Left; 52 – Cabeça para a direita, Turn Right; 53 – Levantar a cabeça, Head Up; 54 – Abaixar a cabeça, Head Down; 55 – Inclinar a cabeça para a esquerda, Tilt Left; 56 – Inclinar a cabeça para a direita, Tilt Right; 57 – Cabeça para frente, Head Forward; 58 – Cabeça para trás, Head Back. (Ver Tabela A6 para descrição dos movimentos de cada AU Posições de Cabeça).

As combinações de AUs referentes às emoções estudadas por Paul Ekman (2002), usadas no FACS das Emoções (EMFACS) são; surpresa – 1+2+5B+26, 1+2+5B+27; medo 1+2+4+5+20+25+, 26 ou 27, ou 1+2+4+5+25, 26 ou 27; felicidade – 6+12, AU 12C ou AU 12D; tristeza – 1+4+11+15B, 1+4+15, 6+15; nojo – AU 9, 9+16+15 e 26, 9+17, AU 10, 10+16+25 e 26, 10+17; raiva, 4+5+7+10+22+23+25 e 26, 4+5+7+10+23+25 e 26, 4+5+7+23+25 e 26, 4+5+7+17+23, 4+5+7+17+24, 4+5+7+23, 4+5+7+24. Desprezo não é mencionado na tabela devido aos debates se pode ser ou não considerado uma emoção, pois teóricos discordam se uma informação transmitida por

um AU específico ou uma combinação são relacionados a emoção. Como, por exemplo, AU 14 (unilateral ou bilateral), e AU 10 (unilateral) são sinais de desprezo, e a combinação 1+2+10+15+17+41 é um sinal de descrença, como duvidar de algo dito por alguém.

Tabela A1***AUs Face Superior***

Unidade de Ação	AU em inglês	Definição/movimento
AU 1	Inner Brow Raise	Levantar a parte interna das sobrancelhas.
AU 2	Outer Brow Raise	Levantar as partes externas das sobrancelhas em direção a linha do cabelo.
AU 4	Brow Lowerer	Juntar as sobrancelhas e as abaixar. Em alguns casos, apenas a parte interna das sobrancelhas são abaixadas, em outros as porções internas e externas abaixam, dando a impressão que a sobrancelha foi abaixada por inteiro.
AU 5	Upper Lid Raise	Elevação das pálpebras superiores - Quando os olhos estão abertos, há uma contração no musculo subjacente a AU 5, mas essa unidade de ação considera quando as mudanças de aparência vão além do olho aberto naturalmente, puxando a mais a pálpebra para dentro da órbita ocular, aumentando a abertura do olho e a exposição do globo ocular.
AU 6	Cheek Raise	Levantamento das bochechas - levantar as maçãs do rosto em direção aos olhos

AU 7	Lids Tight	Tensão das pálpebras - puxar as pálpebras superiores, pálpebras inferiores e parte da pele abaixo do olho em direção ao canto interno do olho. Esse movimento, aperta as pálpebras uma em direção a outra e estreita a abertura dos olhos sem fecha-los
AU 43	Eye Closure	Olhos fechados – fechamento dos olhos de forma relaxada.
AU 45	Blink	Piscar com os dois olhos.
AU 46	Wink	Piscar com apenas um olho.
AU 70	Brows Not Visible	Sobrancelhas não visíveis.
AU 71	Eyes Not Visible	Olhos não visíveis.

Tabela A2

AUs Face Inferior

Unidade de ação	AU em inglês	Definição/movimento
AU 9	Nose Wrinkle	Enrugador/corrugador de nariz - mostra que o músculo responsável por essa unidade de ação vai da área próxima ao raiz do nariz até um ponto próximo as narinas. Quando contraído, esse musculo puxa a pele da área abaixo as narinas para cima, em direção a raiz do nariz. Esse movimento puxa a pele das laterais do nariz para cima, causando rugas dos lados e na raiz do nariz.

AU 10	Upper Lip Raiser	A pele acima do lábio superior é puxada para cima e em direção as bochechas, levantando o lábio superior. As unidades de ação 9 e 10, são responsáveis por puxar para cima a parte medial da face inferior.
AU 11	Nasolabial Furrow Deepener	Aprofundador de sulco labial - aprofunda a parte média superior do sulco nasolabial.
AU 12	Lip Corner Puller	Puxador dos cantos dos lábios - ação de puxar os cantos da boca em direção as bochechas de forma oblíqua, que muitas pessoas chamariam de sorriso.
AU 13	Sharp Lip Puller	Inchaço das bochechas - puxar fortemente os cantos de boca fazendo com que a gordura presente nas maçãs do rosto se torne mais acentuada. Essa ação pode lembrar AU 12 por também puxar os cantos dos lábios, mas se diferencia por puxar os cantos em direção a parte superior do osso da mandíbula, resultando em um ângulo menor do que em AU 12.
AU 14	Dimpler	Pode ser entendido em português como “covinha” (tradução livre) pela possibilidade de formar uma covinha acima dos cantos dos lábios, essa ação aperta os cantos da boca, os puxando um pouco para dentro e os estreitando.

AU 15	Lip corner Depressor	Depressor de canto labial - os cantos dos lábios são puxados para baixo em direção ao queixo.
AU 16	Lower Lip Depressor	Depressor de lábio inferior - o lábio inferior é puxado para baixo em direção ao queixo.
AU 17	Chin Raiser	Levantador de queixo - levanta o queixo e pode causar rugas na saliência do queixo a medida que a pele é esticada produzindo uma depressão medialmente sob o lábio inferior.
AU 18	Lip Pucker	Enrugamento dos lábios - mostra que o musculo relevante nessa ação se localiza acima e abaixo dos lábios superior e inferior. Essa AU puxa os lábios medialmente os franzindo e os projetando. O movimento pode ser entendido como “fazer bico”.
AU 20	Lip Stretch	Esticador de lábios - puxa os lábios lateralmente em direção as orelhas.
AU 22	Lip Funneler	Afunilador de lábios – os lábios se afunilam para fora como quando fazemos o som da letra “F”.
AU 23	Lip Tightener	Os lábios e a pele ao redor são tensionados e afinados, tornando os lábios menos aparentes.
AU 24	Lip Presser	Pressionador de lábios - se baseia na porção interna do musculo que orbita a boca dentro dos lábios. Essa unidade de ação puxa os lábios medialmente e os pressiona um contra o outro.

AU 28	Lips Suck	Sucção dos lábios - Sucção dos lábios, tem como movimento sugar os lábios para dentro da boca.
-------	-----------	--

AU 72	Lower Face Not Visible	Face inferior não visível.
-------	------------------------	----------------------------

Tabela A3

Posição dos olhos

Unidade de ação	AU em inglês	Definição/movimento
AU 61	Eyes Left	Virar os olhos para a esquerda.
AU 62	Eyes Right	Virar os olhos para a direita.
AU 63	Eyes Up	Virar os olhos para cima.
AU 64	Eyes Down	Virar os olhos para baixo.
AU 65	Walleye	Estrabismo.
AU 66	Crosseye	Cruzar os olhos indicando a ação de ficar vesgo.

Tabela A4

AUs Diversas

Unidade de ação	AU em inglês	Definição/movimento
AU 8	Lips Toward Each Other	Se assemelha ao fechar da boca sem pressionar os lábios quando se encontram.
AU 19	Tongue Show	Mostrar a língua.

AU 21	Neck Tightener	Tensionar o pescoço.
AD 29	Jaw Thrust	Ação de mover a mandíbula para frente.
AD 30	Jaw Sideways	Ação de mover a mandíbula para o lado.
AU 31	Jaw Clencher	Apertador de mandíbula – a mandíbula está fechada e tensionada.
AD 32	Bite	Morder
AD 33	Blow	Ação de assoprar.
AD 34	Puff	Inflar as bochechas.
AD 35	Cheek Suck	Sugar as bochechas para dentro da boca.
AD 36	Tongue Bulge	Ação de empurrar a língua contra a parte interna da boca formando uma protuberância.
AD 37	Lip Wipe	Movimento de limpar os lábios com a língua.
AD 38	Nostril Dilate	Dilatar as narinas.
AD 39	Nostril Compress	Comprimir as narinas.

Tabela A5

Separação dos lábios e abertura da mandíbula

Unidade de ação	AU em inglês	Definição/movimento
AU 25	Lips Part	Separação dos lábios
AU 26	Jaw Drop	Queda do mento

AU 27	Mouth Strech	Abertura forçada e alongamento da boca como consequência da abertura forçada pelos músculos que fecham a mandíbula.
-------	--------------	---

Tabela A6

Posição de cabeça/Movimento de cabeça

Movimento	Movimento em inglês	Definição
M51	Turn Left	Virar a cabeça para a esquerda.
M52	Turn Right	Virar a cabeça para a direita.
M53	Head Up	Levantar a cabeça.
M54	Head Down	Abaixar a cabeça.
M55	Tilt Left	Inclinar a cabeça para a esquerda.
M56	Tilt Right	Inclinar a cabeça para a direita.
M57	Head Forward	Cabeça para frente.
M58	Head Back	Cabeça para trás.

Apêndice B

Informações do vídeo explicativo

O vídeo começa com o título no centro da tela (Figura 1). Hannah caminha até uma cadeira, explicando brevemente como micro expressões faciais podem controlar o comportamento social do ouvinte (Figura 2). A abertura servia apenas para situar as participantes no ambiente da coleta de dados no qual o vídeo desenvolvido foi apresentado.

Após a abertura, o vídeo apresenta uma rápida explicação sobre EMFACS (Figuras 3 e 4) e se divide nas 7 emoções básicas humanas estudadas por Paul Ekman (Figura 5), onde cada parte começa com depoentes contando uma situação de suas vidas em que se sentiram controladas por expressões faciais de homens, Cada depoimento é seguido por exemplos de imagens da expressão facial descrita e as mudanças que os movimentos causam na face, usando o método EMFACS (Figuras 7, 9, 11, 12, 13, 15, 17). O vídeo contém depoimentos para ilustrar como cada emoção mencionada pode representar um pensamento ou opinião machista.

Texto de abertura (Hannah):

Expressões faciais são importantes porque podem fornecerem informações valiosas sobre uma interação. Elas podem revelar como alguém se sente, como esse indivíduo recebe o que é dito, podem apresentar uma opinião diferente da que foi verbalizada, e podem controlar o nosso comportamento.

Estudos comprovaram que expressões faciais são um dos principais meios de controle social. Então, quando analisamos situações de machismo, o comportamento da mulher pode ser controlado pelas expressões faciais dos homens, sem que uma palavra seja dita.

Depoimentos por emoção

1 - Surpresa

A emoção surpresa começa com um fundo escuro com o nome da emoção em letras brancas (Figura 6). Após a indicação da emoção, uma depoente sentada na mesma cadeira da abertura, no mesmo cenário, conta que em certo momento de sua vida sentiu que seu companheiro da época era infiel. Ela comenta que reuniu todas as informações que pudessem apoiar a sua hipótese, e que no momento que apresentou todos os pontos a seu companheiro, ele a olhou com expressão facial de surpresa, permanecendo com a mesma expressão por um tempo. Ela continua contando que depois de ver a surpresa de seu companheiro com a acusação, achou que estivesse errada e assim perdeu toda a credibilidade que tinha.

Após depoimento, aparece na tela o texto “Segundo Paul Ekman, surpresa é a emoção mais rápida de todas, mudando rapidamente para outra emoção.”, escrito com letras claras em um fundo escuro.

2 - Medo

A emoção de medo é apresentada da mesma forma que a emoção anterior (Figura 8), e sentada na mesma cadeira, a depoente conta que sua situação ocorreu em ambiente profissional, onde seu colega tomou uma decisão que passou dos limites da empresa contra sua orientação, e que quando foram colocados um em frente ao outro ele mentiu que tinha sido orientado dessa forma por ela. Ao ver sua expressão de medo, ela teve receio de contar a verdade e prejudicar seu colega.

3 - Nojo, Desprezo e Raiva

As emoções são apresentadas no mesmo depoimento pois a depoente conta que se sentiu controlada pelas três (Figura 10). Ela relata que na época de escola, finalizou

sua relação com um antigo namorado e que então ele espalhou pela escola que ela era prostituta, e por esse motivo enquanto caminhava pelos corredores da escola via as expressões de nojo, desprezo e raiva nos rostos de alunos e professores.

4 - Tristeza

Na emoção tristeza (Figura 14), a depoente conta que recentemente foi diagnosticada com vitiligo, e que ao contar sobre o diagnóstico para pessoas próximas, uma pessoa de seu convívio, que ela não imaginava, reagiu com expressão de “dó”, como ela mesma descreve – “... me olhou com cara de dó, de tristeza.” e conta que nesse momento queria “colo”, mas teve que, em suas palavras, “dar colo para a pessoa.”

5 - Felicidade

A última depoente do vídeo descreve uma situação de quando seu filho era bebê. Enquanto ele estava dormindo sua sogra e cunhada chegaram no apartamento e sem lavar as mãos, foram diretamente pegar o bebê. A depoente conta que ao falar para seu marido orientar seus familiares a lavarem suas mãos antes de encostar em um bebê, ele sorriu e respondeu “... Eu não vou falar nada.”. A depoente termina seu relato com a frase “... e nesse momento eu vi quem eu era naquela casa... Nada.”

Figura 1

Início do vídeo explicativo com título

**Figura 2**

Abertura (Hannah)



Nota. A decisão de um cenário com poucos ou nenhum elemento fora a cadeira na qual Hannah estará sentada, foi tomada para certificar-se que o vídeo teria a menor quantidade possível de estímulos concorrentes para garantir a atenção das participantes do experimento no conteúdo.

Figura 3*Texto explicativo FACS*

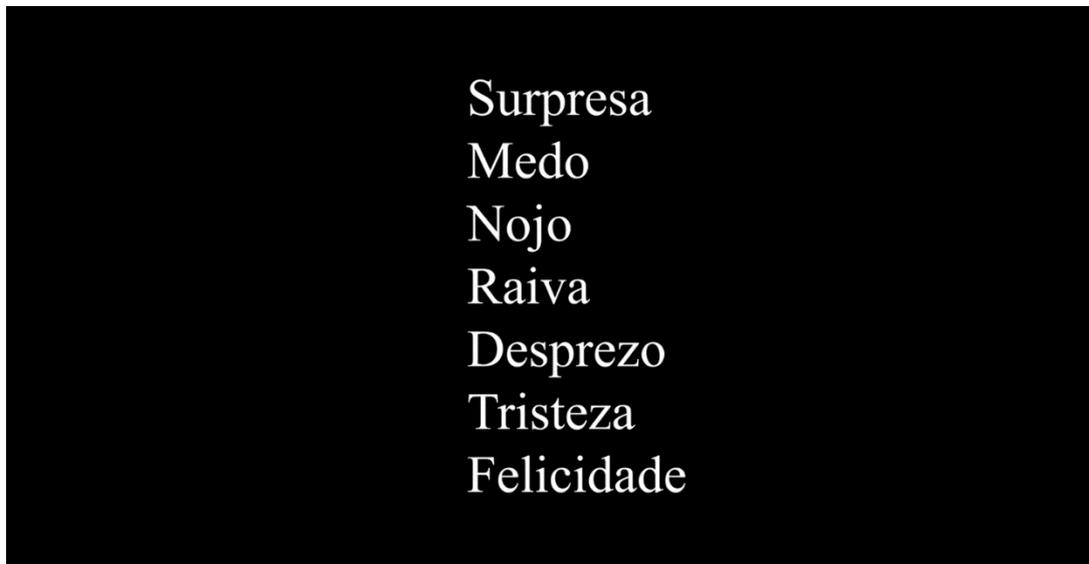
Nomeadas por Paul Ekman como Micro Expressões, são definidas como expressões faciais que ocorrem dentro de uma fração de segundo e explicadas como um “vazamento emocional”, em inglês “emotional leakage”, podendo ser detectadas em quaisquer situações de conteúdo emocional.

Figura 4*Parágrafo de introdução das 7 emoções.*

Segundo Dr. Ekman, 7 emoções humanas básicas são inatas e compartilhadas por todos, em todas as culturas.

Figura 5

Emoções básicas humanas

**Figura 6**

Emoção: Surpresa



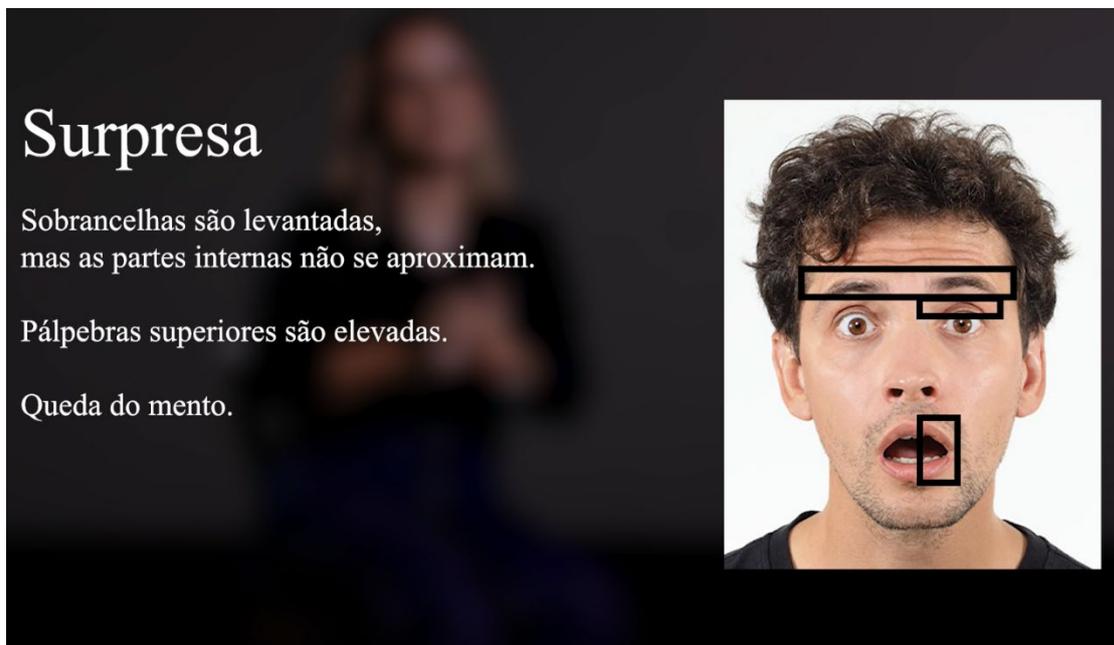
Figura 7***Face emoção surpresa*****Figura 8*****Emoção: Medo***

Figura 9***Face emoção medo***

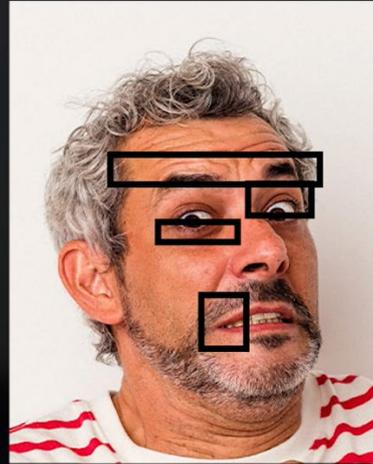
Medo

Sobrancelhas se unem e levantam.

Pálpebras superiores levantam.

Tensão das pálpebras inferiores.

Queda da mandíbula e lábios são esticados horizontalmente para baixo.

**Figura 10*****Emoções: Nojo, Raiva e Desprezo.***

Nojo

Raiva

Desprezo

Figura 11*Face emoção nojo*

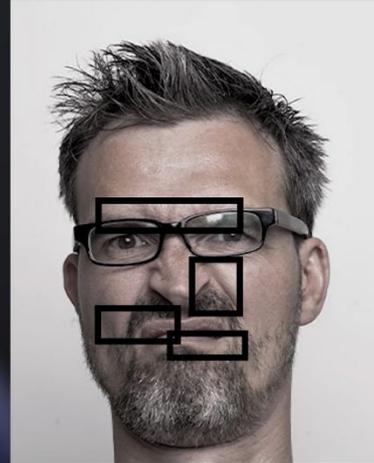
Nojo

Sobrancelhas são abaixadas.

Enrugamento nas laterais e na ponte do nariz.

Lábio superior é elevado.

Lábio inferior é elevado.

**Figura 12***Face emoção raiva*

Raiva

Sobrancelhas se aproximam no centro e abaixam.

Olhos se abrem e olham fixamente.

Lábios são pressionados.

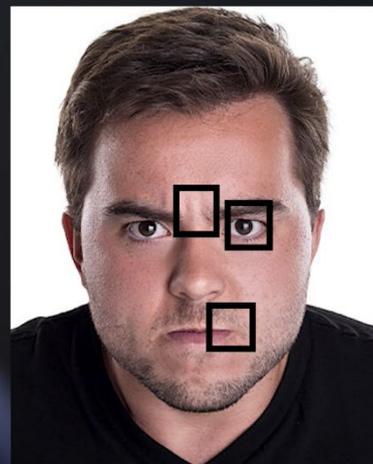
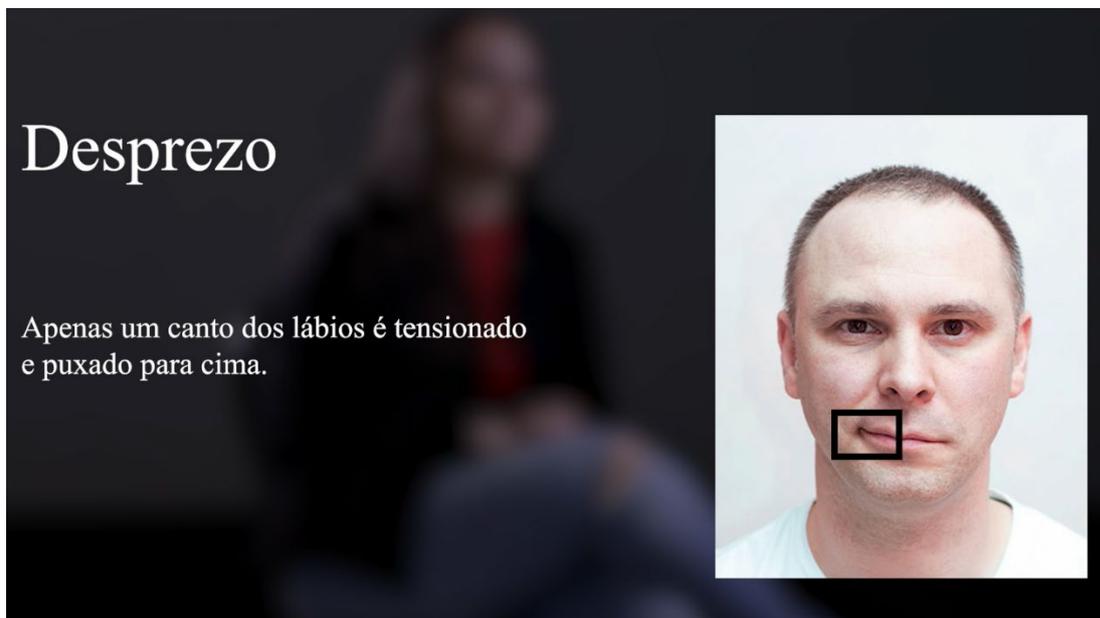


Figura 13

Face emoção desprezo

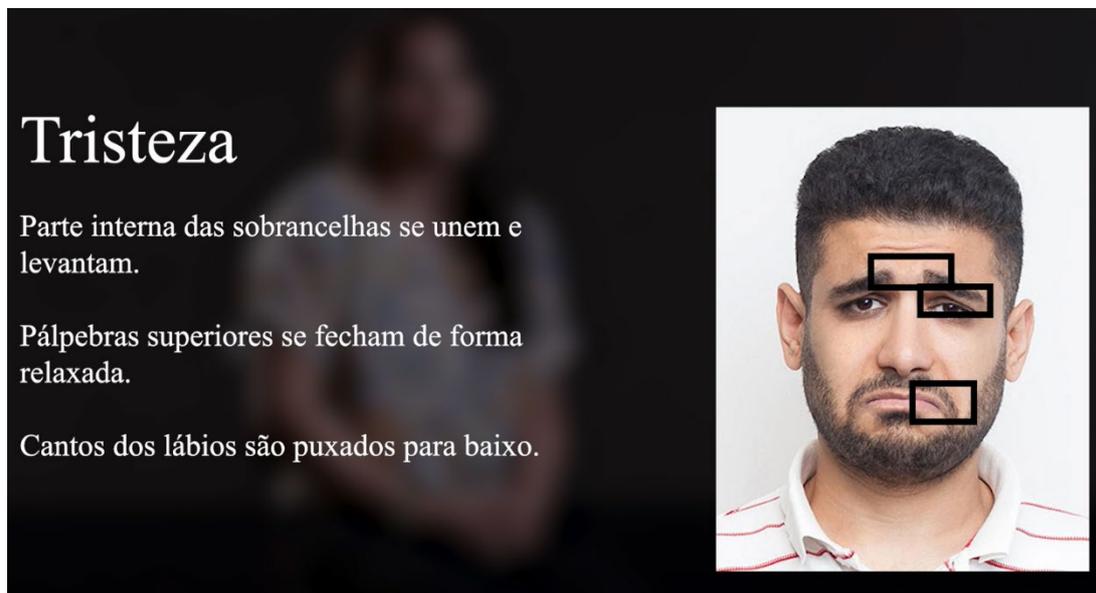
**Figura 14**

Emoção: Tristeza



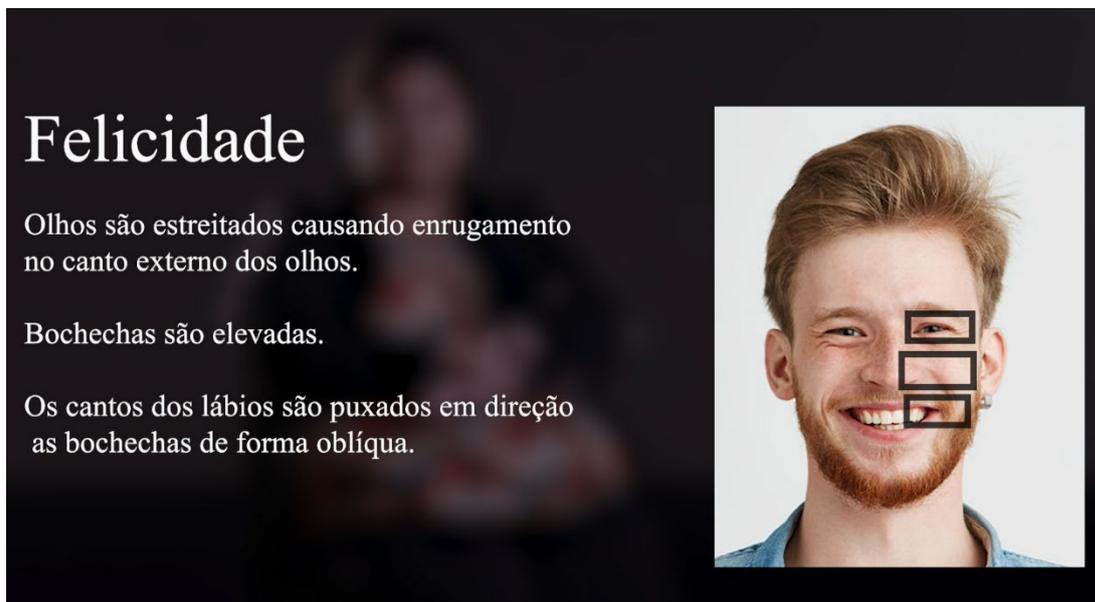
Figura 15

Face emoção tristeza

**Figura 16**

Emoção: Felicidade



Figura 17***Face emoção felicidade*****Figura 18*****Encerramento vídeo***

Matérias com expressões e termos machistas que devem ser evitados são frequentemente divulgadas e fazem parte de um passo importante para que possamos causar algum tipo de mudança significativa e eliminar atitudes machistas mas o falante não é abordado só por uma voz, e sim por um indivíduo gesticulante, expressivo, no qual voz e linguagem são apenas uma parte da mensagem (Weitz, 1976).

Portanto, mesmo que frases sexistas não sejam ditas, não exclui a possibilidade de que o machismo apareça pela face dos homens e, assim, controle o comportamento das mulheres.

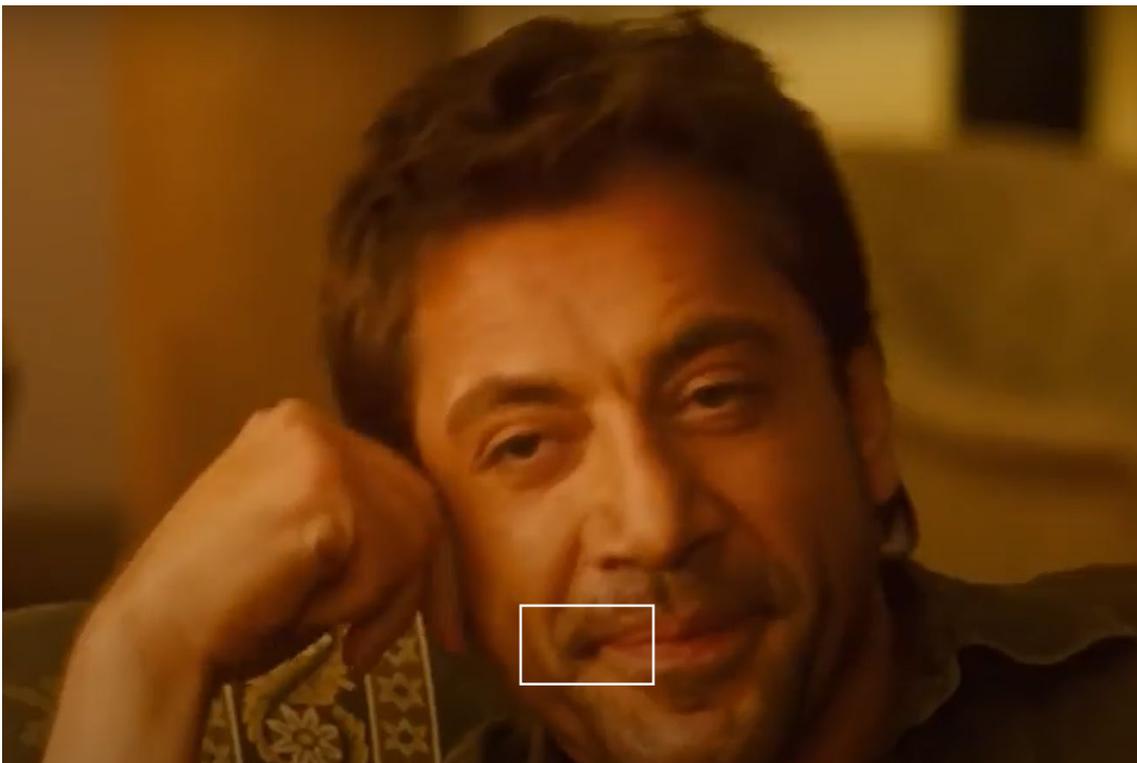
Apêndice C

Informações cenas

As cenas de machismo utilizadas no experimento, antes e depois da apresentação do vídeo explicativo são apresentadas nesse apêndice com destaques nos movimentos e mudanças na face que configuram uma emoção específica. Os destaques são usados na dissertação apenas para garantir a compreensão do leitor desse trabalho, porém na coleta de dados as movimentações não serão destacadas para mensurar se o vídeo é capaz de ampliar a percepção das participantes sobre essa forma de controle.

Cena A

Vicky Cristina Barcelona (2008)

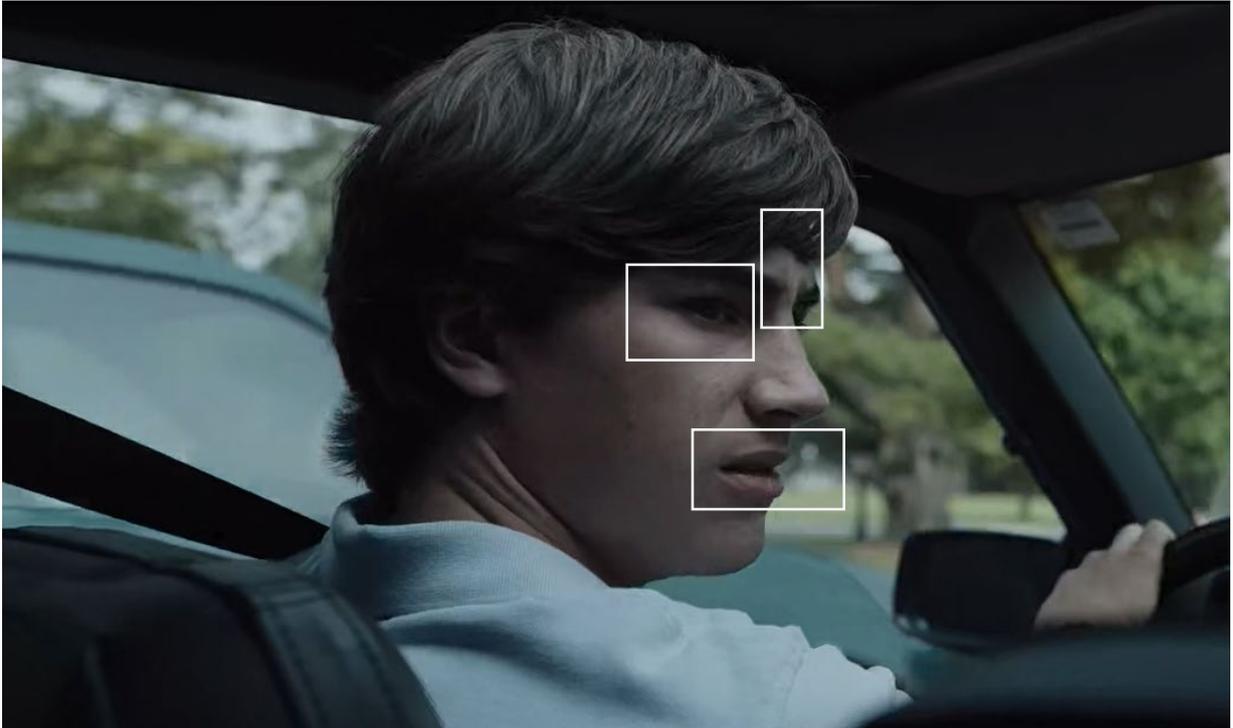


Nota. A cena retirada do filme *Vicky Cristina Barcelona* (2008), foi escolhida para apresentar a emoção desprezo por cumprir o critério necessário, sendo ele, o canto do lábio apertado e elevado em apenas um lado do rosto. É importante destacar que

desprezo também pode aparecer com um sorriso sutil ou uma expressão facial de raiva
(Paul Ekman Group, 2023)

Cena B

Uma Garota de Muita Sorte (2022)



Nota. A cena foi escolhida para indicar a expressão facial de raiva. Na face, as sobrancelhas se unem e abaixam, os olhos se abrem mais e os lábios são tensionados.

Cena C***Moxie – As Garotas Vão à Luta (2021)***

Nota. Na cena, a expressão facial representa a emoção de felicidade. Os critérios para essa emoção são: olhos estreitados formando rugas nos cantos externos dos olhos, elevação das bochechas e os cantos dos lábios são puxados para trás.

Cena D***Do Que as Mulheres Gostam (2000)***

Nota. A cena escolhida mostra a face de desprezo por apresentar tensão e levantamento de apenas um canto dos lábios.

Apêndice D

Entrevista teste de eficácia do vídeo

Idade:

1 – O que você sentiu ao assistir as cenas de machismo pela primeira vez?

2 – O que você sentiu ao assistir ao vídeo explicativo?

3 – Após assistir o vídeo explicativo você viu detalhes que não tinha reparado antes, nas cenas de machismo?

4 – Você já passou por alguma situação semelhante às apresentadas nas cenas ou no vídeo explicativo? Se sim e se se sentir confortável, pode me contar como foi?

5 – Alguma situação retratada nas cenas ou no vídeo te marcou mais? Se sim, qual?

- Comentários que a participante queira fazer sobre o vídeo:

- Pergunta pós experimento – O vídeo explicativo provocou alguma mudança em sua percepção no dia a dia?

- Pergunta extra – Você sabia do Facial Action Coding System (FACS) ou da existência de estudos sobre micro expressões faciais? Se sim, sabia que poderia ser aplicado ao machismo?

Apêndice E

Tabelas de respostas entrevista

Cada pergunta é representada por uma tabela contendo as respostas de cada participante para essa pergunta.

Tabela 1

Pergunta 1

O que você sentiu ao assistir as cenas de machismo pela primeira vez?

Participante	Resposta
1 (34 anos)	<p>“Eu senti incomodo em todas. No primeiro da menina da blusa (a participante se refere à cena da série Moxie – As Garotas Vão à Luta, indicada como Cena C, no Apêndice C), o moleque está dando risada de uma forma que me incomoda. Além de estar dando risada ele tem um ar de desprezo. Na segunda que eu lembro é a que a menina fala que acha que foi estuprada (cena do filme Uma Garota de Muita Sorte (2022), apresentada como Cena B, Apêndice C), que ele olha meio que ‘Eu não acredito muito. Você está louca.’. A do Mel Gibson (filme Do Que as Mulheres Gostam, de 2000. Cena D, Apêndice C) eu já tinha reparado, aliás é um filme que eu odeio. Ele também tem um ar de desprezo, de ‘Até parece que você é capaz de fazer o que você faz pra entrar em uma posição importante assim.’. E a do Vicky Cristina Barcelona (2008) (Cena A, Apêndice C), que ele olha com uma cara de ‘Tá bom que você vai resistir’ é um desprezo pelo que ela está falando. Eu já vivi todas essas situações então me identifico muito. Vivi tanto com homens quanto com mulheres.”</p>
2 (28 anos)	<p>“Indignação. Acho que na hora que passa é difícil não pescar situações semelhantes, apesar de não ter vindo nenhuma que seja exatamente o que aconteceu, parece que tem similaridades com coisas que já foram vividas.”</p> <p>A participante apresentou emblema facial¹ de ceticismo (R1B+R2C) (uma sobrancelha levantada) ao ver a reação do personagem apresentada como Cena D, no Apêndice C, do filme Do Que as Mulheres Gostam (2000).</p>
3 (32 anos)	<p>“A que me deixou mais frustrada foi a em ambiente de trabalho. Que a mulher estava se posicionando e o cara faz uma cara de desprezo. Essa que me deixou com mais raiva.” A participante se refere a cena indicada como Cena D, Apêndice C, do filme Do que as Mulheres Gostam (2000).</p>

4 (33 anos)	<p>Infelizmente foi normal, essas coisas acontecem todos os dias. Nada me surpreendeu. Machismo em todas elas... No caso do cara desprezando o discurso dela apenas com uma reação facial, com a expressão (Cena D, Apêndice C). Do menino rindo na sala foi ‘Não estou com você, não te apoio. Estou apenas achando engraçado você passando vergonha por causa do seu corpo e da sua roupa.’ (Cena C, Apêndice C). A da menina que conta que foi estuprada (Cena B, Apêndice C) foi meio rápido, eu não entendi o que foi. Me pareceu surpreso, mas nem tanto. Essa parte eu confesso que não entendi muito bem.”</p>
5 (26 anos)	<p>“Eu senti um pouco de incômodo, principalmente na cena da escola (Cena C, Apêndice C), mas foi realmente pela professora falando do que pelos olhares. Eu sinto que nas primeiras cenas eu não peguei todas as expressões, mas levei pelo lado de ser uma reprodução de machismo. Algumas passaram despercebidas e só depois do vídeo explicativo eu consegui ver o machismo sendo aplicado.”</p>
6 (29 anos)	<p>”Algumas cenas eu já tinha visto em partes. Principalmente a primeira que está a turma da sala (Cena C, Apêndice C) e pelo menos uma vez eu já passei por essas situações. Então eu conheço o desconforto de você comunicar ou você ser reprimida por algo e ter risadinhas, olhares de julgamento que com certeza na situação que você já está constrangida aumenta o seu constrangimento. Foram cenas que não fazem parte do meu cotidiano mas eu já presenciei e de alguma forma tive que lidar.”</p> <p>A participante apresentou emblema facial de ceticismo (1B+2C + 14B) quando viu a expressão facial feita pelo personagem enquanto sua chefe se apresentava, cena do filme <i>Do Que as Mulheres Gostam</i> (2000), como Cena D, no Apêndice C.</p>
7 (28 anos)	<p>“Deu para notar algumas expressões, a de desprezo (Figura 13, Apêndice B), como se fosse silenciar a mulher em alguma situação.” A participante comentou que percebeu algumas expressões faciais ao assistir as cenas e completou “Fiquei atenta às expressões faciais porque foi a proposta que você tinha explicado” a participante se refere ao TCLE, que contém as etapas da pesquisa.</p>
8 (25 anos)	<p>“Acho que mostra bastante a impotência das nossas escolhas. Independente de qual lugar a gente esteja, seja em ambiente escolar, na cena retirada do filme <i>Moxie</i>, de 2021 (Cena C, Apêndice C), seja em ambiente de trabalho onde você tem um cargo de superior (Cena D, Apêndice C), não há respeito pelas suas escolhas de roupas, não há respeito pelo cargo que você exerce, simplesmente por ser uma mulher. É uma coisa que fica muito explícita, principalmente na cena escolar como somente outras mulheres conseguem ter um entendimento daquele absurdo que foi falado para a menina.”</p> <p>A participante apresentou expressão facial de raiva (4D+7A), quando a professora fala que a aluna está com uma blusa de alças finas demais, na cena do filme <i>Moxie</i> (2021).</p>
9 (27 anos)	<p>“Eu senti um pouco de ódio mesmo, de raiva. Não é como se eu não lidasse com situações com essas diariamente, quando eu me deparo com situações como essas é comum que eu seja muito reativa, ficar</p>

	com muito ódio. A minha atitude depois de muito treino é parar e respirar fundo e me acalmar para tomar uma atitude, mas isso não deixa de ser algo que me consome.”
10 (26 anos)	“Senti angústia, de estar conversando com algum homem, sofrer algum machismo e as vezes nem perceber. As vezes é tão sutil que a gente não nota.”

Tabela 2

Pergunta 2

O que você sentiu ao assistir ao vídeo explicativo?

Participante	Resposta
1	<p>A participante não comentou ter sentido nada específico, mas apresentou expressões faciais ao assistir ao vídeo explicativo. A participante apresentou a emoção de surpresa (1C+2C+5A), quando a depoente conta que seu ex namorado espalhou que ela era uma prostituta e vagabunda (depoimento 3 - Nojo, Raiva e Desprezo, Apêndice B). Emoção Surpresa ilustrada em Figura 7, Apêndice B.</p> <p>A participante apresentou as emoções de nojo (9C+17A) e desprezo (L14D) quando a depoente fala que era olhada com nojo, desprezo e raiva até pelos professores. Emoções Nojo e Desprezo em Figuras 11 e 13, Apêndice B.</p>
2	<p>”Comecei a pensar em várias situações que mulheres da minha vida passaram. Não é uma surpresa, mas dá uma sensação de impotência saber que isso acontece sempre.”</p> <p>A participante apresentou emblema facial de ceticismo (L1C+L2B), quando a depoente fala que seu colega disse que ela o orientou dessa forma (depoimento 2 - Medo, Apêndice B).</p>
3	<p>A participante demonstrou um emblema facial de ceticismo (L1B+L2C) na situação da emoção Surpresa, quando a depoente conta que seu companheiro ficou surpreso com a acusação. Depoimento 1 - Surpresa, no Apêndice B. Emoção ilustrada como Figura 7, Apêndice B. A participante comenta que fez essa expressão porque “A reação dele foi de negar na hora. Até parece que ele ficou surpreso, ele sabe que ele fez isso.”</p>
4	<p>“Eu achei o vídeo incrivelmente explicativo. Tinha muita coisa que eu não me ligo, principalmente do sorriso (Figura 17, Apêndice B). Eu fiquei p*** com a sogra pegando com um cigarro a criança. Eu fiquei com um ódio, foi a situação que me deixou mais p***, esse deboche da pessoa sorrir de volta, ela tirou um discurso dali “Eu não sou nada.”. Depoimento 5 - Felicidade, em, Apêndice B.</p> <p>A participante também apresentou expressão facial de surpresa (1B+2B+5D) quando a depoente conta que sua médica falou que seu vitiligo era por fatores emocionais. Depoimento 4 - Tristeza, Apêndice B.</p>

5	<p>“Eu senti um pouco de alívio e um pouco de ‘Por que eu não sabia disso antes? Por que não é uma coisa mais intuitiva?’ Justamente porque não discutimos o machismo do jeito que deveríamos. Senti impotência por não já ter isso dentro de mim e só descobrir aos meus 26 anos.”</p>
6	<p>“Eu me senti completamente desconfortável por não ter sido alertada desses sinais, que são as expressões faciais. Sempre achei que eu estava exagerando.”</p>
7	<p>“Acho que raciocinei melhor a questão do impacto dessa questão visual nas ações. Por exemplo, o vídeo da menina na escola (Cena C, Apêndice C), ela ficou super constrangida e sem reação. Ela só teve um ponto de defesa, de falar que a menina estava com a blusa igual. A parte da mulher na empresa falando em uma reunião, na liderança, e o olhar que o cara fez, como se tivesse invalidando o lugar dela de líder na reunião (Cena D, Apêndice C).”</p> <p>Sobre o que a participante sentiu com o vídeo explicativo ela respondeu “Eu nunca tinha prestado muita atenção nesses detalhes, dos 7 sentimentos universais, eu nunca tinha parado para pensar. E realmente independentemente do idioma e do local, essas expressões sempre aparecem. Então foi uma novidade essa parte das expressões universais.”</p>
8	<p>“Mais pelos relatos, novamente a invalidação. O da felicidade (Depoimento 5, Apêndice B), que fala da criança que acaba me marcando um pouco porque além de invalidar a voz de uma pessoa que aparentemente tem mais propriedade sobre o cargo dela de mãe, tem até uma falta de respeito com a criança, e eu acho que ter um entendimento dessas expressões faz com que a gente entenda melhor o que o outro quer passar, como nem sempre um sorriso é algo bom.”</p> <p>A participante apresentou a expressão facial de raiva (4D+7A) quando a depoente conta que a ex sogra e ex cunhada foram ao apartamento dela e do marido “do nada” e tocaram a campainha.</p>
9	<p>“Eu nunca tinha parado para pensar nisso, mas é muito real como as vezes a forma que as pessoas reagem...” a participante se refere as expressões faciais “... muda completamente como a gente lida com uma situação de conflito, eu que me importo com o que as pessoas como as pessoas se sentem, em situações como essas talvez eu até evite conflitos pelo medo de como a pessoa vai reagir, e normalmente a forma que a pessoa reage, demonstra o que ela está sentindo e acaba diminuindo a força do que eu estou dizendo, a não ser que eu tenha ensaiado muito antes ou seja uma pessoa que eu já conheço. Eu nunca tinha parado pra pensar nisso, fiquei um pouco surpresa... é parar para refletir sobre isso. Sinto que agora tenho mais ferramentas para lidar com situações assim.”</p> <p>A participante demonstrou expressão de surpresa (1D+2D+5A) na situação que a depoente conta que se questionou quando seu companheiro ficou surpreso com a acusação. Depoimento 1 - Surpresa, Apêndice B.</p>

	<p>A participante fez expressão de raiva (4C+7D+24A) quando a depoente conta que seu colega disse que ela que tinha o orientado da forma errada. Depoimento 2 - Medo, Apêndice B.</p> <p>A participante apresentou expressão de surpresa (1D+2D+5C) quando a depoente fala que precisava de colo e teve que dar colo para a pessoa. Depoimento 4 - Tristeza, Apêndice B.</p> <p>A participante fez expressão de raiva (4B+7B) quando a depoente conta que a ex sogra estava fumando dentro de um apartamento pequeno. Depoimento 5 - Felicidade, Apêndice B. A emoção anterior de raiva mudou rapidamente para surpresa (1A+2A+5E) quando a depoente fala que a ex sogra entrou no quarto. Apresentou a emoção de surpresa (1C+2C+5E) quando a depoente conta que a ex sogra sabia da dificuldade que o bebê tinha de dormir.</p> <p>Por fim, a participante apresentou expressão de raiva (4B) quando a depoente fala que o marido sorriu.</p>
10	<p>“Senti angústia e medo de saber que não é que eu posso sofrer isso, eu sofro isso diariamente. Eu também fiquei lembrando.. Tive um relacionamento de 6 anos morando junto com uma pessoa do gênero masculino, e lembrei de machismos que eu vivi.”</p>

Tabela 3

Pergunta 3

Após assistir o vídeo explicativo você viu detalhes que não tinha reparado antes, nas cenas de machismo?

Participante	Resposta
1	“Não, porque eu já peguei no primeiro vídeo. Já estava bem nítido.”
2	“Sim, depois de ter a explicação a gente já repara em mais detalhes que não tinha reparado inicialmente.”
3	<p>“A cena da sala de aula acho que ele (o vídeo explicativo) mudou, eu reparei nas outras pessoas, nos outros rostos. Se eu mudei a percepção de qual era a reação? Eu acho que não, mantive a percepção, mas reparei em mais ações.” A participante se refere à situação apresentada como Cena C, Apêndice C, da série Moxie (2021).</p> <p>A participante apresentou expressão de desprezo (12A+R14B) da segunda vez que assistiu a cena.</p>
4	“Acho que eu fiquei mais atenta, sim. Mas por já ser uma pessoa consciente e atenta, eu já peguei bastante coisa no primeiro vídeo, principalmente essas situações que eu me identifico. Então eu me identifiquei e entendi primeiro as que eu já passei, as outras eu tive que assistir o vídeo para entender.”
5	“Acho que ficou muito mais nítido para entender as expressões que eles estão fazendo. Já é nítido para pegar que ali tem um incômodo, mas não entender direito o que ele quer dizer com essa expressão, depois do vídeo ficou mais fácil para distinguir qual sentimento ele

	estava expressando através da face.” A participante respondeu que a situação do vitiligo (ver Tristeza, em Depoimentos no Apêndice B) a fez reparar na expressão da situação do filme Uma Garota de Muita Sorte (2022) (ver Cena B, Apêndice C)
6	“Mudou, claro. Sabendo como lidar com as expressões, do vídeo explicativo, a gente analisa melhor quais são as expressões das pessoas. A menina que fala que acha que foi estuprada (Cena B, Apêndice C), e a cara dele de nojo... Ou a sala de aula (Cena C, Apêndice C), o menino que estava do lado dela ficou indignado com a atenção da professora para ela e não ligou para os caras dando risada.” A participante conta que no segundo vídeo reparou no menino que estava indignado com a situação e continua “Ou o cara que viu a mulher crescendo, acho que todo homem faz essa cara quando vê uma mulher superior a ele.” (Cena D, Apêndice C). A participante pontua que quando a expressão facial é “negativa” ela consegue interpretar as vezes, mas quando é de “deboche” ela identifica com extrema facilidade
7	“Sim, eu reparei mais detalhes.”
8	“Sim, em duas cenas. A da escola (Cena C, Apêndice C) eu acabei olhando a reação dos meninos e como eles zombaram pelo questionamento da professora e na cena do trabalho (Cena D, Apêndice C), que você percebe não somente os principais como você vê que aquelas caras de zombamento e falta de respeito, eu acho que consegui visualizar melhor.” A participante também comenta que da primeira vez tinha reparado nas expressões faciais das cenas mencionadas e que após o vídeo explicativo prestou mais atenção. A participante demonstrou desprezo (12A+14B) na segunda vez que assistiu as cenas de machismo, após o vídeo explicativo, especificamente quando viu a reação do ator de Do Que as Mulheres Gostam (2000) quando sua chefe se apresenta.
9	“Se mudou a minha percepção das cenas? Eu não acho que mudou, eu senti a mesma coisa, mas quando eu vi depois reparei um pouco mais nas expressões, mas a sensação foi a mesma.” A participante demonstrou expressão de raiva (4B+7D) na segunda vez que assistiu a cena de Moxie (2021), Cena C, Apêndice C, especificamente na parte que professora fala que as alças da blusa são finas demais.
10	“Acho que sim, intensificou. Para notar o impacto que causou as expressões faciais dos homens, nas mulheres. Foquei mais nos homens no primeiro.” A participante especificou que na segunda vez que viu as cenas de machismo prestou mais atenção nas expressões faciais das mulheres que passaram pelas situações

Tabela 4**Pergunta 4**

Você já passou por alguma situação semelhante as apresentadas nas cenas ou no vídeo explicativo? Se sim e se se sentir confortável, pode me contar como foi?

Participante	Resposta
1	A participante respondeu que já passou por todas e comentou “A primeira do moleque rindo (Cena C, Apêndice C), a segunda do Mel Gibson (Cena D, Apêndice C), esse ar de ‘Você nem sabe o que está falando. Tudo que você faz eu faço melhor.’. A do Javier Barden (Cena A, Apêndice C) também já várias vezes quando eu estava namorando eu falava que namorava e ‘E daí que você namora? E daí que você quer ser fiel?’. A da menina que conta que foi estuprada (Cena B, Apêndice C) eu não senti esse olhar de homens, por incrível que pareça todos os homens que eu conto ou contei o meu passado nunca me trataram assim (como na cena), esse olhar foi com mulheres.”
2	Inicialmente a participante respondeu que não se identificou com nenhuma situação. Quando foi perguntado se ela já tinha visto alguma expressão facial mostrada nos vídeos ela respondeu “Ah sim, acho que de professores. É, pensando assim começa a vir mais.”
3	Pela participante ter demonstrado uma expressão de ceticismo no vídeo que a depoente conta que ao confrontar seu parceiro ele apresentou uma expressão de surpresa (Depoimentos, Apêndice B), foi perguntado a participante se ela já tinha passado por uma situação assim e ela respondeu: “Não especificamente de uma traição, mas de falar as coisas para as pessoas e elas sabem que você sabe (a verdade), mas ficam negando.”
4	“A da mulher estar em uma posição de liderança, falar alguma coisa e um homem reagir daquela maneira.” (Cena B, Apêndice C)
5	“Eu acredito que a da escola (Cena C, Apêndice C), porque já aconteceu comigo. As vezes uma camiseta normal em mim fica muito mais decotada. Eu já fui chamada atenção, enquanto tinham pessoas com a mesma e aí essas gracinhas de aluno de escola, de ficar rindo.” A participante comenta que chegou a reparar que um menino da cena ria mais e o outro olhava mais.
6	“A do vitiligo, uma situação que me aconteceu quando eu era mais nova. Tem uma parte do meu pescoço que é mais escura pela melanina, e ninguém tinha se incomodado com isso na minha vida, muito menos eu...” A participante conta que mesmo sem nunca ter se incomodado com a parte mais escura, um amigo apontou como se fosse um problema, o que fez com que seus pais passassem a ver como problema também. A mudança de visão de seus pais, gerada pelo comentário de seu amigo fez com que a levassem ao médico e ela passasse por tratamentos extremamente dolorosos, para resolver uma característica que nunca foi um problema. A participante

	<p>comenta que esse comentário de seu amigo, posteriormente fez com que outras pessoas também reparassem e passassem a falar da parte mais escura de seu pescoço, mesmo ela repetindo que não se incomodava. A participante conclui que quando a depoente falou sobre sentimento de tristeza, de dó, fez com que ela lembrasse desse momento de sua vida. (4 - Tristeza, Apêndice B)</p> <p>“E a cena que conta do estupro, mas nesse caso foi a minha mãe... Ela que me olhou com cara de nojo, meu pai olhou com cara de preocupado mas não moveu um dedo, a cara de nojo veio da minha mãe.” Cena B, Apêndice C.</p>
7	<p>“Com certeza. Eu tenho muita dificuldade de me expressar em ambientes de debate. Eu sou uma pessoa que gosta de usar uma roupa mais decotada, algumas vezes sinto que as pessoas me julgam e invalidam o que eu falo, já senti isso em alguns espaços através de olhares, sexualizando a minha pessoa em um lugar de trabalho ou de debate, de militância.”</p>
8	<p>“A questão da roupa acho que toda mulher passou em algum momento. Não em ambiente escolar, mas já passei com namorado que pediu para tirar uma blusa que era decotada ou um short muito curto, já passei esse tipo de situação.” (Cena C, Apêndice C)</p>
9	<p>“Já passei por todas.”</p>
10	<p>“Já passei, inúmeras vezes... de ser silenciada por alguma expressão, pela de raiva principalmente.”. Face ilustrada pela Figura 11, Apêndice B. A participante foi mais marcada pelas partes nas quais as expressões faciais eram ilustradas e seus pontos de movimentação destacados.</p> <p>“Lembro de ter passado por alguns machismos parecidos com os vídeos. A expressão que ele fez quando ela falou que foi estuprada, de desdém, em vez de acolher. Não passei por estupro mas sofri um aborto, eu não queria um filho mas ele queria, então ele ficava com expressões de felicidade, mesmo eu sofrendo ele ficava na felicidade e desdém.”</p> <p>“E já aconteceu de, por exemplo, quando a gente ia sair e eu colocava uma saia, ele falava que ia fazer frio, para trocar de roupa. Eu via como um cuidado e achava que ele se preocupava, só repensei tudo isso quando me separei.”</p>

Tabela 5

Pergunta 5

Alguma situação retratada nas cenas ou no vídeo te marcou mais? Se sim, qual?

Participante	Resposta
1	Todas me marcaram. Me incomodaram em sentidos diferentes.
2	A participante não mencionou nenhuma situação específica.
3	A participante respondeu que a situação apresentada como Cena C, Apêndice C, da série Moxie (2021) foi a que ela prestou mais atenção por ter mais coisas acontecendo, mas a situação que mais a

	marcou e deixou frustrada foi a situação da Cena D, Apêndice C, do filme <i>Do Que as Mulheres Gostam</i> (2000).
4	“A da menina da blusa de alcinha com o menino rindo, porque essa reação não se aplica a somente isso (Cena C, Apêndice C). É a de desprezo pela mulher em situação de liderança (Cena D, Apêndice C).”
5	A participante mencionou a situação do filme <i>Moxie</i> (2021). Cena C, Apêndice C.
6	“O caso que me pegou mais foi o do vitiligo (4 - Tristeza, em, Apêndice B) e o da mãe com a criança, porque são regras básicas que você aprende com mulheres dentro de casa (5 - Felicidade, Apêndice B), você tem que saber que antes de pegar uma criança no colo tem que lavar as mãos, você tem essa noção pela sua criação.”
7	“Acho que marcou mais a situação da moça na reunião (Cena D, Apêndice C), talvez por identificação, em alguns lugares que eu preciso ser a líder ou tocar uma reunião. Essa que mais me impactou, que eu me identifiquei pelos olhares, porque isso corta a gente, perde até a linha de raciocínio, já me aconteceu.”
8	“A da criança me marcou bastante. Por ser um conjunto de situações de invalidação que me pegam muito.”. Depoimento 5 - Felicidade, Apêndice B.
9	“Acho que a que mais me marcou foi a cena da professora pedindo para a menina colocar um casaco na escola (Cena C, Apêndice C), e acho que me marcou porque é uma situação que não basta você já ficar com vergonha da pessoa, ela te faz ter vergonha do próprio corpo, ela fez na frente de todo mundo, ela poderia ter chamado a menina mas fez em frente da turma inteira, isso me deixou possessa.”
10	Foi a do estupro. É algo bem chocante que você compartilha com o eu companheiro ou um amigo e a reação dele foi péssima (Cena B, Apêndice C).

Tabela 6

Comentários das participantes sobre o vídeo explicativo

Participante	Resposta
1	“Achei o vídeo explicativo necessário. Eu acho que você não consegue se relacionar com a situação, mesmo que por empatia, sem ter passado por aquilo, é difícil identificar. É que eu já passei por todas, então já vi todas. Eu acho que as pessoas que viveram isso tem mais facilidade de identificar, se você tivesse mostrado uma situação que eu não tivesse vivido talvez eu não repararia.” Quando questionada se sabia da existência de um sistema (FACS) que descreve movimentos faciais e que isso poderia ser aplicado ao machismo a participante respondeu “Já sabia, mas não que poderia ser aplicada ao machismo.”

2	<p>A participante comenta que reparava em expressões faciais, mas não sabia sobre FACS nem que poderia apontar machismo e que comprovaria que não é paranoia quando reparamos. Sua resposta completa foi: “Acho que no primeiro instante deu só uma indignação mas na segunda vez que passou depois do vídeo explicativo ficou mais claro que as vezes a gente nem que seja inconscientemente percebe isso, mas é comum ser tirada para doida quando você sabe que está acontecendo, e por não ter sido verbalizado parece que é só paranoia. Aí a gente vê que realmente não é.”</p>
3	<p>Ao ser questionada se sabia que existia um sistema que descreve movimentos faciais a participante respondeu que não e completou “...sempre imaginei que pessoas podem reagir as coisas de formas diferentes, mas que tinha um padrão eu não sabia. Tem coisas que a gente sabe porque é praticamente caricato, um franzir das sobrancelhas quando você está bravo, ou abrir a boca quando está surpreso, meio caricato. Parece que é algo meio instintivo, tipo surpresa, de abrir os olhos e levantar as sobrancelhas. Porque vemos o caricato com a boca aberta. Instintivo como quando alguém te dá um soco e você fecha os olhos.”</p>
4	<p>Quando questionada se sabia que existia um sistema que descreve movimentos faciais e que poderia ser aplicado ao machismo a participante respondeu que sabia, mas não que poderia ser aplicado ao machismo.</p>
5	<p>“Eu tinha visto alguma coisa ou lido algo sobre o machismo e refleti no teste. Veio um sentimento de ‘Por que já não é do nosso cotidiano entender como acontece e saber lidar?’ Se não nos é explicado, talvez demoraria muito mais para perceber.” Ao ser questionada se sabia da existência do sistema FACS a participante respondeu “Não, aprendi com você.”</p>
6	<p>“Achei super interessante o seu trabalho. Gostei da dinâmica, porque é um assunto tão falado e ao mesmo tempo tão ‘oculto’.” Quando questionada se sabia que existia um sistema que descreve movimentos faciais e que poderia ser aplicado ao machismo a participante respondeu que não sabia.</p>
7	<p>”Eu gostei bastante. Realmente nunca tinha parado para pensar nisso das 7 emoções. São coisas que passam despercebidas ou nós naturalizamos esses ‘olhares’. Parece que é assim e sempre vai ser assim, ou que é assim mesmo. Nós não refletimos o impacto dessas expressões. Essa reflexão que eu te falei, sobre as vezes não querer falar em algum espaço por conta de ‘olhares’ de homens me sexualizando é algo que eu só percebi mais agora, que é por uma expressão facial, que trava a gente. Eu acho que é muito potente esse trabalho. Pode beneficiar bastante, esse despertar, em algumas situações.”</p>
8	<p>Quando perguntado se sabia que existia um sistema (FACS) que descreve movimentos faciais a participante respondeu “Tem algumas pessoas que fazem isso na internet, né? Nunca me aprofundi no assunto, mas sabia que existia” A participante</p>

	também disse que não sabia que podia ser aplicado ao machismo e que ela tinha descoberto isso com esse estudo.
9	<p>“O vídeo explicativo eu achei massa, muito didático, muito mesmo, mostrar os pontinhos do rosto pra reconhecer qual expressão é. Eu nunca tinha pensado nessa forma de categorizar as expressões pela forma de demonstrar as emoções. Achei legal como foi organizado, os depoimentos, muito didático.”</p> <p>Quando perguntado a participante se ela sabia do sistema FACS, que descreve movimentos faciais ela respondeu “Eu imaginava que sim, mas não com esse viés.. nunca pensei nessa questão do controle social que as expressões das pessoas podem exercer.” A participante comenta que não sabia que poderia ser aplicado ao machismo.</p>
10	Quando questionada se sabia que existia um sistema que descreve movimentos faciais e que poderia ser aplicado ao machismo a participante respondeu “Não sabia, é uma novidade pra mim. Eu nunca levei para esse lado, a gente tenta identificar mais o machismo na fala... Na expressão facial eu nunca levei assim, nunca vi dessa forma.”

Tabela de respostas

Pergunta pós experimento

Participante	Resposta
1	“Não mais do que já presto atenção.”
2	“Olha, pra falar a verdade não. Mas pra ser sincera acho que não tive interações sociais o suficiente esses dias pra que isso pudesse ter acontecido
3	“Sim, eu fico tentando identificar do que é. Também reparo se estou fazendo mais expressões.”
4	”Acho que não, nada além do normal, acho que porque não interagi muito com pessoas fora do meu círculo de convivência. Reparo mais quando trabalho com um contratante que não conheço e isso só ocorreu uma vez nesse período. E eu sempre erro, acho que a pessoa odiou e depois descubro que adorou.”
5	“Sim, sempre que alguém vem falar comigo eu começo a reparar mais no rosto.”
6	“Sim, pra mim está sendo um processo para analisar as situações do dia a dia. Ainda não tive nenhuma situação onde fosse tão óbvia a expressão facial, mas estou atenta.”
7	A participante não respondeu a tentativa de contato sobre pergunta pós experimento.
8	A participante não respondeu a tentativa de contato sobre pergunta pós experimento.
9	A participante não respondeu a tentativa de contato sobre pergunta pós experimento.

10	A participante não respondeu a tentativa de contato sobre pergunta pós experimento.
----	---
